

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação

ESCOLA DE BELAS ARTES

Fabíola Garcia de Oliveira

**O ENSINO DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE PÚBLICA DA ZONA URBANA DA CIDADE DE CARANGOLA, MG**

BELO HORIZONTE, MG,
2024

Fabíola Garcia de Oliveira

O ensino de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Pública da zona urbana da Cidade de Carangola, MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte da EBA Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Maurílio Andrade Rocha

BELO HORIZONTE, MG

2024

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

707 O48o 2024	<p>Oliveira, F. G., 1981- O ensino de arte nos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública da zona urbana da cidade de Carangola, MG [recurso eletrônico] / Fabíola Garcia de Oliveira. – 2024. 1 recurso online.</p> <p>Orientador: Maurílio Andrade Rocha.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arte – Estudo e ensino – Teses. 2. Arte e educação – Teses. 3. Escolas públicas – Teses. I. Rocha, Maurílio Andrade, 1963- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.</p>
---------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

**FOLHA DE APROVAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO ALUNO DE
FABÍOLA GARCIA DE OLIVEIRA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO da Defesa do Trabalho de
Conclusão do aluno de FABÍOLA GARCIA DE OLIVEIRA, Número de Registro
2022652465.**

Título: "O ENSINO DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DA ZONA URBANA DA CIDADE DE CARANGOLA, MG"

Prof. Dr. Maurilio Andrade Rocha - Orientador - EBA/UFMG

Profa. Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira - Membro Titular - EBA/UFMG

Profa. Dra. Camila Rodrigues Moreira Cruz - Membro Titular - EBA/UFMG

Prof. Dr. Geraldo Freire Loyola - Membro Suplente - EBA/UFMG

Belo Horizonte, 25 de março de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Carvalho Pereira, Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2024, às 14:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Rodrigues Moreira Cruz, Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2024, às 16:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maurilio Andrade Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 05/04/2024, às 23:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Cordova Christofaro,**



Professora do Magistério Superior, em 09/04/2024, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3147490** e o código CRC **CA9886C0**.

Referência: Processo nº 23072.218977/2024-19
3147490

SEI nº

Ao meu pai, que tanto sonhou e esperou pela minha formatura de graduação lá atrás, e que não pôde esperar, partindo meses antes da minha conclusão, dedico mais este passo dado que ele nem chegou a imaginar, devido a sua simplicidade e sua precoce partida. Aos meus alunos, dedico as horas de estudo contidas nesta pesquisa, em prol dos seus direitos de uma aprendizagem significativa em Arte.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Ernesto e às minhas filhas Laura e Laís, que entenderam minha ausência, respeitaram meus silêncios e me encheram de amor durante essa caminhada.

À minha mãe Alzira, que sempre me mostrou a importância dos estudos e hoje sente-se orgulhosa a cada conquista alcançada por mim. Aos professores da EBA UFMG, que foram sempre acessíveis e acolhedores. Aos colegas de turma, Síntia, Irineu e Paulo Jr. que dividiram comigo ansiedades e memórias afetivas, sempre ajudando uns aos outros.

A Elza, secretária do ProfArtes, que me ajudou nos assuntos burocráticos com a maior empatia possível. Ao meu orientador, Professor Maurílio Andrade Rocha que esteve presente, calmo, elegante e disponível em todos os momentos.

E, finalmente, a Deus e Nossa Senhora Aparecida, por toda honra e perseverança diante de cada etapa conquistada.

*“A gente não quer só comida,
a gente quer comida, diversão
e arte. A gente não quer só
comida, a gente quer saída
para qualquer parte”.*

Canção da Banda Titãs

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

RESUMO

A pesquisa sobre o ensino de arte nos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública urbana da cidade de Carangola, Minas Gerais, visa abordar e levantar dados educacionais sobre a existência e a aplicabilidade do ensino de arte na zona urbana de uma cidade com aproximadamente 30 mil habitantes. As escolas públicas localizadas na zona rural no município não foram abordadas na pesquisa, devido à dificuldade de acesso e, também, ao fato de terem particularidades próprias em torno da educação para o campo, que não é o foco desta discussão. A pesquisa defendida é uma dissertação que tem o desejo e a intencionalidade de contribuir com o município no que tange à qualidade do ensino e da aprendizagem em arte. A investigação feita, parte de uma professora pesquisadora por meio de visitas às escolas e de entrevistas feitas com os professores regentes das turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando conhecimento de dados práticos e reais sobre o ensino de Arte do município com a intenção de contribuir de forma satisfatória em sua legitimação assim como no possível surgimento de novos caminhos e novas possibilidades dentro do meio. Os dados sobre o Ensino de Arte da rede pública urbana dessa cidade, tem como referência um total de 6 (seis) escolas, sendo 3 (três) da rede municipal e 3 (três) da rede estadual de ensino. Os dados foram utilizados como ponto de referência e de partida para que as discussões propostas não se findem aqui, pelo contrário, que encham docentes e discentes de vontade na realização de um ensino de arte de Arte significativo e de importância social e criativa.

Palavras-chave: ensino de arte; anos iniciais; arte; escola; educação pública.

ABSTRACT

The research into art teaching in the first years of elementary school in the public school system from the urban part of the city of Carangola, Minas Gerais, focuses on collecting educational data about the existence and use of art teaching in the urban area of a city with an estimated population of 30,000 habitants. The public schools located in the countryside of the town were not included in the research because of the difficulty in visiting them and also due to the fact that they have their own particularities regarding education for rural activities, which is not the subject of this discussion. The research being conducted is a thesis with the intention to contribute to the town in terms of the quality of teaching and learning in art. The investigation was conducted by a teacher-researcher through visits to schools and interviews with the teachers that are in charge of classes in the early years of elementary school. Looking for practical and real data about art teaching in the town, with the intention of providing a satisfactory contribution to its legitimization, as well as to the possible development of new pathways and new possibilities within the field. The data on art teaching in the town's urban public school system covers a total of 6 (six) schools, 3 (three) of them are municipal schools and 3 (three) are state schools. The findings were used as a point of reference and as a starting point to ensure that the proposed discussions do not stagnate here; on the contrary, perhaps they could inspire teachers and students to work towards a socially and creatively significant art education.

Keywords: art teaching; early years; art; school; public education.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

COOEPE - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

EAD - Educação a distância

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PNLD - Plano Nacional do Livro Didático

SEE - Secretaria do Estado de Educação

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

SRE - Superintendência Regional de Ensino

UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

ÍNDICE DE GRÁFICOS

1	GRÁFICO 1: QUANTIDADE DE PESSOAS ENVOLVIDAS	42
2	GRÁFICO 2: QUANTIDADE DE PROFESSORES ENTREVISTADOS	43
3	GRÁFICO 3: FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PROFESSORES	45
4	GRÁFICO 4: DIAS E HORÁRIOS DAS AULAS DE ARTE	51
5	GRÁFICO 5: RECEBIMENTO DE MATERIAL DE APOIO POR PARTE DOS PROFESSORES.53	
6	GRÁFICO 6: CONHECIMENTO DAS HABILIDADES DA BNCC E CAPACITAÇÃO.....	54
7	GRÁFICO 7: ARTE PRESENTE EM OUTRAS DISCIPLINAS	56
8	GRÁFICO 8: RECEBIMENTO DO LIVRO DIDÁTICO DE ARTE	59
9	GRÁFICO 9: UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE ARTE	60
10	GRÁFICO 10: MOTIVOS DA NÃO UTILIZAÇÃO DO LIVRO DE ARTE	61
11	GRÁFICO 11: ATIVIDADES MAIS TRABALHADAS NAS AULAS DE ARTE	64
12	GRÁFICO 12: SATISFAÇÃO PESSOAL DOS PROFESSORES	68
13	GRÁFICO 13: INTERESSE DOS ALUNOS PELAS AULAS DE ARTE	82

ÍNDICE DE TABELAS

1 TABELA 1: DISCIPLINAS OFERTADAS PELO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEMG UNIDADE CARANGOLA	47
---	-----------

SUMÁRIO

2 INTRODUÇÃO	12
2.1 Prática Docente: Pesquisar para transformar	12
3 ATUAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1. Ensino de Arte: Prática docente, vivências, Metodologias e Propostas	18
2.2. Diálogo com os pares: Como professores e professoras em tempos e lugares diferentes, pensam e atuam no ensino de Arte.....	33
3. PESQUISA AÇÃO.....	40
3.1 Investigação dialógica <i>in loco</i> e divulgação dos dados.....	40
4. ANÁLISE REFLEXIVA DE DIÁLOGOS DOCENTES	51
4.1 Demonstração de dados a partir de gráficos acompanhados de análises no âmbito da teoria e prática do ensino de Arte na cidade de Carangola	51
4.2 Quantidade de escolas visitadas, números e dados dos professores participantes e formação acadêmica dos mesmos	53
4.3 O lugar da aula de Arte: dia e horário	62
4.4 Material de apoio utilizado na elaboração de planejamento das aulas de Arte	64
4.5 Habilidades da Base Nacional Comum Curricular e Capacitação.....	66
4.6 Linguagens Artísticas presentes em aulas de outras disciplinas.....	67
4.7 O livro didático de Arte	70
4.8 Seleção de atividades para as aulas de Arte e atividades artísticas extra classe.....	75
4.9. Aulas De Arte: Satisfação pessoal do professor e interesse dos alunos....	80
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	86
ANEXOS	88
ANEXO I. AUTORIZAÇÃO DA ESFERA MUNICIPAL.....	89
ANEXO II. AUTORIZAÇÃO DA ESFERA ESTADUAL.....	90
ANEXO III. INSTRUMENTO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	91

1 INTRODUÇÃO

1.1 Prática Docente: Pesquisar Para Transformar

O ensino e a aprendizagem em Arte passaram e passam por práticas pedagógicas e orientações teóricas que visam a resultados significativos na vida social do aluno, dando a ele oportunidades de expressão, conhecimento e pensamento crítico. Essa intencionalidade existe, ou deveria existir, em todos os professores que atuam em sala de aula, buscando diariamente as conexões e significados que sejam suficientes para cada contexto de ensino e de aprendizagem. A pesquisa sobre o ensino de arte nos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública urbana da cidade de Carangola, Minas Gerais, tem o desejo e a intencionalidade de contribuição ao município no que tange à qualidade do ensino e da aprendizagem em arte.

É fato que, por muito tempo, as investigações eram direcionadas apenas no âmbito de como ensinar arte e atualmente existem pesquisas que visam investigar não só o ensino, mas também a aprendizagem. Entender como o aluno percebe o conteúdo, como ele aprende, como ele se apropria das habilidades previstas em cada aula, faz parte da investigação como um todo, como um caminho percorrido por professores e alunos. Essa sincronia de intenções na pesquisa dá maior abrangência e faz mais sentido quando o investigador tem como objetivo a reflexão e a transformação ativa sobre o tema em discussão. Portanto, a dissertação aqui apresentada sobre o ensino e aprendizagem em Arte parte de uma professora de Arte que deseja não só conhecer e refletir sobre ações de colegas, mas também e, principalmente, refletir sobre o próprio papel como professora e pesquisadora, em busca de discussões significativas e relevantes para a prática docente em Arte.

A investigação feita, por meio de visitas às escolas e de entrevistas semiestruturadas, busca conhecimento de dados práticos e reais sobre o ensino de Arte do município com a intenção de contribuir de forma satisfatória para o surgimento de novos caminhos e de novas possibilidades dentro do meio. É notório que para ensinar Arte seja necessário conhecer e saber sobre Arte. As habilidades manuais, que já foram consideradas evidências de conhecimento artístico, são hoje

reconhecidas como parte de alguns processos de criação, não sendo o único caminho e nem o principal. Por outro lado, sabemos que conceitos, ideias, pensamento crítico e contextos fazem parte de todo o processo do ensino e da aprendizagem em Arte. A pesquisa sobre isso envolve história, crítica, teoria e, assim sendo, se concretiza quando o pesquisador se debruça sobre uma questão e vai à procura de dados internos e externos para discutir e fundamentar suas conclusões. Nesse caso, o pesquisador não é o único agente da ação. Ele precisa conhecer e analisar as diversas metodologias de ensino e de aprendizagem em Arte para que assim, possa contribuir com a melhor adequação e dinamização do processo, caso seja necessário. Por esse motivo, a contribuição dos professores das redes foi fundamental. As conversas e as trocas de experiências relatadas e vividas durante a realização das entrevistas representam o coração deste trabalho, ressaltando e evidenciando a importância das relações humanas.

O que fomenta um professor pesquisador, de início, é a prática do exercício da liberdade de pensar. Por intermédio da pesquisa é possível conhecer, reafirmar, criticar, colocar em dúvida e contestar práticas, teorias e propostas disseminadas como meios de ensino ao longo do tempo. Sabemos, ainda, que a verdade absoluta não existe e, dessa forma, a contestação não se constitui em imposições, ela aponta meios possíveis de reflexão que por sua vez, apontam meios possíveis de mudanças, que apontam outros meios que vão ampliando pensamento e posicionamentos sobre o tema. Sendo assim, o desejo desta pesquisa surgiu diante das lacunas e rupturas que envolvem o ensino e a aprendizagem em Arte, na intencionalidade de preenchê-las ou torná-las mais estreitas possíveis. O objeto de estudo são as séries iniciais do Ensino Fundamental I, pois a maneira com que os alunos chegam ao 6º ano do Ensino Fundamental II em relação às habilidades artísticas e de conhecimento teórico aparentam escassez do ponto de vista do professor pesquisador que os recebe. Ou seja, a hipótese deste trabalho consiste no fato de alunos chegarem nos anos finais, mais precisamente no 6º ano de escolaridade, sem o conhecimento artístico desejado pelo professor e esperado pelas orientações educacionais vigentes, como por exemplo, as habilidades propostas pela Base Nacional Comum, instituída pelo MEC.

A investigação ocorre no ambiente regional educacional do pesquisador com atuação de 20 (vinte) anos em sala de aula, porque as respostas científicas e técnicas já existentes no nosso país não abrangem particularidades de todos os lugares e, sendo assim, a pesquisa não se contenta com a observação passiva dos fenômenos gerais que envolvem o assunto, ela tem por desejo, a reflexão e a transformação no seu local de investigação. Dessa forma, essa transformação reflexiva tanto do pesquisador quanto dos profissionais envolvidos, depende do levantamento de dados. É importante ressaltar, ainda, o caráter político que envolve toda pesquisa em educação. As escolas e os professores contactados e consultados durante a pesquisa foram receptivos e atuantes na participação, ressaltando a importância e a relevância do tema em questão.

Assim sendo, a pesquisa aqui apresentada será divulgada para a rede de ensino da cidade em questão, podendo se estender à região, na intencionalidade de atingir cada vez mais grupos de professores que possuem desejos parecidos no que diz respeito às reflexões e às mudanças sobre o ensino e a aprendizagem em Arte. O levantamento feito servirá de base real sobre o que vem sendo ensinado e aprendido nos anos iniciais, na rede pública e ensino da cidade de Carangola, se está equiparado à Base Nacional Comum ou não, e se os livros didáticos estão contribuindo e de fato, a Arte ocupa o seu espaço como área de conhecimento. Partindo dessa iniciativa, é possível construir bases para novas propostas e novas pesquisas com novos pensamentos e novas maneiras de investigação na área. E por fim, a importância da pesquisa sobre ensino e aprendizagem em Arte possui grande relevância, em qualquer nível acadêmico, pois a Arte é parte da sociedade e parte do ser humano.

Dentro das questões que envolvem o problema da pesquisa, ressalto ainda, a migração natural dos alunos da cidade, do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, com a troca de escola. Até o 5º ano de escolaridade, a disciplina de Arte é ministrada pelo professor regente da turma e a partir do 6º ano de escolaridade, o aluno passa a ter contato com o professor específico. Essa inserção de um professor específico para cada disciplina ocorre nas outras áreas de conhecimento também, porém em Arte é notório o estranhamento e a surpresa por parte dos alunos pelo fato de terem 50 minutos reservados especificamente para Arte. Essa surpresa não se mistura, nesse momento, com a falta de interesse pela

área. Trata-se de uma descoberta por parte deles em entender que a Arte não só colore o mundo e as coisas, mas também comunica, expressa e faz pensar. Sendo assim, os alunos do 6º ano, passam por um processo de entendimento e de assimilação de aprendizagem em Arte que, muitas vezes, não condiz com o nível esperado pelo currículo, já que existem direcionamentos, materiais didáticos e habilidades específicas voltadas para os anos iniciais do Ensino Fundamental, como é o caso da BNCC e do PNLD, por exemplo.

Partindo dessas pontuações, eu como professora da disciplina de Arte, atuante no Ensino Fundamental e Ensino Médio, da rede Estadual de Minas Gerais, ansiosa em presenciar e participar de um ensino e aprendizagem significativos e de força potente dentro do município onde moro e atuo, realizo e entrego a presente pesquisa. Comprometo-me assim em investigar um possível desencontro de aprendizagens no campo artístico que, se constatado, buscarei entender o processo e atuar no foco, auxiliando e produzindo meios de reflexão e de mudança por parte dos educadores, onde estou incluída, disponíveis em ver o ensino e a aprendizagem em Arte acontecer de verdade. Dentro de uma cidade do interior de Minas Gerais, com 3 (três) escolas da rede municipal e 3 (três) escolas da rede estadual, é possível concluirmos um trabalho de relevância que possa direcionar ações reflexivas e positivas em prol de uma aprendizagem significativa. O levantamento de dados tem como objetivo promover troca de experiências e de atitudes reflexivas a partir da pesquisa concluída, que será apresentada às redes de ensino como iniciativa em prol da qualidade do ensino de arte no município.

Inicialmente a pesquisa traz uma demonstração sobre os caminhos possíveis e esperados para o ensino de Arte, mediante as reflexões sobre Metodologias e Propostas. Portanto, no segundo capítulo, Ana Mae Barbosa, Lúcia Pimentel e as habilidades previstas na BNCC, fazem um estudo sobre as pretensões contemporâneas presentes no processo de ensino e aprendizagem em Arte. A intenção não é apontar um caminho único e engessado, mas sim demonstrar meios e horizontes possíveis que podem ser trilhados por todos os professores, sejam específicos (a partir do Ensino Fundamental II) ou sejam os regentes de turma (que atuam no Ensino Fundamental I). Afinal, são todos professores, em apenas papéis e lugares diferentes, nesse caso.

Ainda no segundo capítulo, com o subtítulo “Um diálogo entre os pares”, é apresentado um levantamento de trabalhos e artigos, de outros professores, em outros espaços regionais, que tiveram a mesma intencionalidade: investigar o ensino e a aprendizagem de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esse diálogo a partir de um mesmo interesse enriquece e agrega à pesquisa, à medida que as escritas e as reflexões podem se tornar aliadas ou convergentes. Os trabalhos e as escritas pesquisadas para esse capítulo visam contribuir significativamente com o processo de busca de variados pontos de vista de variados professores e também sobre contextos variados. Poderá, nesse momento, haver coincidência de relatos e por outro lado, também se espera uma ampliação de conhecimento sobre o tema que poderá aparecer a partir de aspectos conflitantes.

A metodologia de pesquisa adotada para esta dissertação passa por uma revisão de literatura que embasa e orienta as observações que possam ser feitas, acrescida de pesquisa de campo baseada em entrevistas semiestruturadas. Os dados coletados sobre o Ensino de Arte da rede pública urbana da cidade de Carangola serão apresentados no segundo capítulo por meio de texto corrido, relatando detalhadamente as respostas coletadas em cada uma das escolas visitadas. Trata-se de um total de 6 (seis) escolas, sendo 3 (três) da rede municipal e 3 (três) da rede estadual de ensino. As informações sobre os processos de ensino que vêm acontecendo nos anos iniciais do ensino fundamental coletadas por intermédio das entrevistas aos professores de cada uma das instituições possuem a devida autorização dos órgãos responsáveis, como a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Carangola e a Superintendência Regional de Ensino - SRE Carangola, de acordo com documento assinado e datado, constante na sessão de anexos. As respostas, inicialmente, foram transcritas em forma de texto com relatos de práticas e metodologias escolhidas pelos professores, assim como dados organizacionais como dia e horário em que ocorrem as aulas de arte e, ainda, sobre o recebimento e utilização do livro didático. Cada resposta e detalhe de rotina extraídos desse momento, concretizam-se em material de apoio e de investigação dentro da pesquisa.

O quarto e último capítulo apresenta as narrativas reflexivas do pesquisador diante do levantamento coletado, com o auxílio de imagens de gráficos,

evidenciando a porcentagem de respostas coletadas. As análises e as reflexões sobre caminhos e alternativas possíveis e agregadoras almejam e fazem parte do constante crescimento e da evolução da qualidade do ensino e aprendizagem em Arte. Os dados foram utilizados como ponto de referência e de partida para que as discussões propostas aqui não se findem, pelo contrário, que encham docentes e discentes de vontade na realização de um ensino de arte significativo e de importância social e criativa.

2 ATUAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Ensino de Arte: Prática docente, vivências, Metodologias e Propostas

A prática docente que envolve o caminho percorrido por mim até aqui, passa por uma formação de Licenciatura Plena em Educação Artística, cuja nomenclatura já se encontra extinta. Não só no nome dos cursos de graduação, mas também no nome da disciplina dentro das escolas. Hoje a disciplina recebe o nome de Arte, o que engloba as quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro. Acredito que a polivalência de habilidades que a disciplina carrega pode gerar certa frustração por parte dos profissionais, uma vez que existem graduações distintas para cada linguagem artística e sendo assim, o profissional habilitado em música, por exemplo, se vê dentro de uma escola ensinando dança, artes visuais e teatro, pois a BNCC prevê o ensino anual das quatro linguagens. No meu caso, o diploma de Educação Artística me concedeu a formação que hoje é chamada de Artes Visuais, o que não me dá segurança de ensino em teatro, por exemplo, mas me habilita pela legislação. Esse é um ponto importante a ser discutido e repensado na educação, ainda que não seja especificamente o objeto de estudo desta pesquisa. Além da graduação, me especializei em Ensino de Arte, o que me fez entender e afirmar o caminho que eu desejava seguir, que era o da sala de aula. Curiosamente a minha busca pelo curso de Arte e meu desejo em pertencer ao universo da docência não veio de uma grande referência, mas sim pela ausência dela. Não tenho lembranças das aulas de Arte que tive no meu tempo de escola e nem lembranças de nenhum professor dessa disciplina. Minhas memórias se resumem vagamente em decorações de festa junina e alguns poucos murais festivos que contavam com a participação de alunos.

Em 2010, após um período de estudos, com 6 anos de formada, retorno a minha cidade natal com o diploma de Educação Artística e sou surpreendida com o espanto das pessoas em verem o diploma. Até 2010 não existia na minha cidade, Carangola MG, nenhuma professora de Arte que lecionasse com habilitação. Na escassez de profissional, as aulas eram distribuídas a professores de áreas afins, e é possível constatar esse cenário, ainda hoje, em diversas localidades de cidades do interior devido à falta de profissional habilitado. Com o surgimento dos cursos EAD e

com o crescimento da oferta e das facilidades dessa modalidade de ensino, o número de professores de Arte tem crescido, porém com ousadia e sem generalizar digo que, existem claros indícios de que o ensino de arte acaba sendo negligenciado por profissionais que conquistam o diploma em curtos meses de estudos on-line.

Hoje, atuante como professora de Arte do quadro efetivo da Rede Estadual de Minas Gerais, leciono para todos os anos de escolaridade do Ensino Fundamental e Ensino Médio e ao longo dessa vivência e atuação, me debruço diante do cenário de ensino e aprendizagem em Arte na esfera à qual pertenço com o intuito de contribuir positivamente para a educação da minha cidade. Dentro dos anos de atuação diária em sala de aula, tive a oportunidade de realizar projetos, aulas e ações das quais muitas foram exitosas e significativas e outras nem tanto. Tenho ciência de que quando falamos em educação e em pessoas, não existem receitas prontas e determinadas, nem caminhos apontados como corretos e perfeitos, mas entendo que quando sabemos o que não fazer já estamos eliminando práticas que não agregam e sendo assim, escolhendo caminhos significativos. Acredito que a minha experiência e meu encantamento pela disciplina, juntamente com os dados levantados nesta pesquisa, possam auxiliar de fato, os nortes que possam ser escolhidos dentro do município que moro e atuo, uma vez que os dados foram coletados dentro do município, trazendo a realidade à tona.

Importante ressaltar sobre o recorte regional estabelecido na pesquisa, como mostra o título da mesma. Na cidade de Carangola, existe um considerável território rural, onde se concentram escolas que oferecem o ensino fundamental de acordo com a demanda de habitantes. Dessa forma, me concentrei na área urbana da cidade, contemplando rede municipal e estadual, devido a fatores como acesso às escolas rurais e, ainda, à particularidade de que em algumas delas existem salas multisseriadas, que atendem à demanda prioritária de alfabetização. Também não foram analisadas as práticas educacionais das escolas privadas, que geralmente adotam materiais de sistemas de ensino privado, o que não é o foco desta pesquisa. Outro ponto importante sobre o foco e o recorte desta pesquisa é o detalhamento que ela ocorre nos anos iniciais do Ensino Fundamental pelo motivo de que são os anos que antecedem o ingresso ao 6º ano de escolaridade, que é a série em que foi

percebida por mim, a possível lacuna de conhecimentos artísticos dos alunos, não estabelecendo coerência com os conteúdos e habilidades propostas pela BNCC.

Diante do exposto, considero que ensinar Arte no século XXI é assumir um posicionamento de pesquisa contínua, independente da rede ou série de atuação. O caráter pesquisador do professor se faz necessário em todas as áreas, sendo que a disciplina de Arte carrega tabus e incertezas na visão de muitos educadores que se veem atuando em sala de aula sem o preparo ou formação na área. As dúvidas talvez venham do curto caminho trilhado pela disciplina, em comparação às outras áreas de conhecimento. Da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, até os dias de hoje e também no período anterior a isso, muitas práticas educacionais que envolvem Arte foram superadas e assim, descobriu-se e experimentou-se novas maneiras e possibilidades de ensino que reafirmam a existência da arte da escola.

As metodologias tidas como inconsistentes ou pouco eficientes para um ensino significativo de arte são exemplos, hoje em dia, de caminhos a não serem seguidos e, dessa forma, também se tornam importantes para a história do ensino de arte porque demonstram evolução e replanejamentos de rotas. É possível que professores atuantes em Arte nos dias de hoje não tenham boas memórias de aulas de arte no período em que foram estudantes e isso não está ligado à competência ou incompetência de professores, mas sim aos métodos e caminhos escolhidos por eles, que em muitos casos, eram os únicos possíveis. A trajetória da arte na escola segue em construção, na busca de abordagens coerentes e contextualizadas que produzam significados e contextos na vida escolar dos alunos. A metodologia educativa na área artística, de acordo com Maria Heloísa C. de Toledo Ferraz e Maria F. de Rezende e Fusari, em *Metodologia do Ensino de Arte* (2001), inclui escolhas profissionais do professor quanto aos assuntos, os temas e os contextos a serem trabalhados, transformando essas escolhas em trajetórias pedagógicas para que os estudantes possam fazer, apreciar e analisar os conteúdos de arte. Sendo assim, os professores que almejam alcançar a aprendizagem dos alunos, selecionam e utilizam intencionalmente um conjunto de ações criando suas metodologias. Se o professor deseja que os alunos tenham um aprendizado significativo e crítico, a metodologia deve acompanhar essa intenção, pois escolhas

de propostas vazias e desprovidas de senso crítico não irão construir uma aprendizagem significativa, nem em Arte e nem em qualquer outra disciplina.

O ensino de Arte contemporâneo que traz ações significativas centradas não só no professor, mas também no aluno, no ambiente, na produção artística e cultural e nas abordagens contextualizadas, deve incluir planejamento e metodologias que estejam em acordo com os objetivos pretendidos. No campo do universo da Arte, as possibilidades de escolhas e propostas são inúmeras, podendo dizer até infinitas. A criatividade tão instigada nas atividades feitas pelos alunos deve estar presente também na prática do professor. As aulas propostas devem ser criativas e portadoras de significados, comunicando e estimulando a busca e a expressividade. Essas aulas nem sempre serão em formato tradicional como geralmente é feita a organização do espaço escolar ainda nos dias de hoje. A iniciativa em busca de novos formatos e novas dinâmicas de sala de aula deve ser uma das práticas do professor. Nesse contexto, o termo *aula* não se aplica somente à aula expositiva, mas a todas as formas didáticas organizadas pelo professor que deseja fortalecer e concretizar o processo de ensino e aprendizagem. Uma aula é toda ação didática que envolve objetivo, conhecimento, problemas, desafios com fins instrutivos e formativos que culminam no aprendizado dos alunos.

É imprescindível que haja aqui a reafirmação da importância não só da criatividade na elaboração de aulas, mas também da importância do planejamento escolar. O professor que almeja construir caminhos significativos de aprendizagem deve organizar o planejamento como um guia de ações a serem seguidas e replanejadas, se for o caso, mas nunca como um documento para ser arquivado em uma gaveta. O planejamento, segundo Ferraz e Fusari (2001), é um processo de decisão e de organização do professor, articulando a atividade escolar e a problemática do ambiente social. A ação de planejar é uma atividade consciente, fundamentada no contexto social da escola, dos alunos e, principalmente, em acontecimentos reais e atuais. Um planejamento fora da realidade escolar e fora do contexto de vida dos alunos não acarretará em aulas significativas, tão pouco em aprendizagens reflexivas. Importante ressaltar que o planejamento não garante o andamento do processo de ensino, porém é através dele que o professor alcança a eficácia de sua trajetória. As autoras afirmam ainda que é importante que o professor

se habitue à prática profissional de elaborar roteiros pessoais que contenham anotações e resumos sobre arte, bem como sobre os modos de trabalhar o conhecimento da arte junto aos alunos. Elas acreditam que o hábito do registro ajuda o professor a acompanhar, analisar, pesquisar, avaliar e aperfeiçoar o seu trabalho docente. Lembrando que o planejamento em Arte, nos dias de hoje, já envolve acesso à livros didáticos específicos da área, disponíveis para consulta e utilização nas bibliotecas das escolas públicas, de acordo com o Plano Nacional do Livro Didático.

Em relação à existência e à permanência da disciplina no currículo básico, a LDB 9394/96 alterou o nome Educação Artística para Arte e, em seu artigo 26, parágrafo 2º, determina que o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Além disso, a chegada de livros didáticos de Arte nas escolas evidencia também uma iniciativa positiva no que tange ao ensino de arte na educação pública. Porém, mais que uma mudança de terminologia da obrigatoriedade e da existência do livro didático, surgem ainda novas abordagens e reflexões sobre o ensino de Arte. E com significativas mudanças em prol desse ensino, é cabível investigar se a arte, historicamente produzida pela humanidade, tem sido suficientemente ensinada e aprendida por boa parte das crianças e adolescentes brasileiros. Considerando as mudanças e tendo em vista os objetivos que a arte-educação deseja construir, é importante que exista o compromisso, por parte do professor, em saber arte e saber ensinar arte.

Contribuindo significativamente com todo o processo histórico do ensino de Arte, surge nos anos 90, a Proposta Triangular de Ensino de Arte, inicialmente chamada de metodologia, postulada no Brasil pela educadora Ana Mae Barbosa. Posteriormente a autora afirma que não se trata de uma metodologia, pois os métodos são práticas pessoais de cada professor, sendo assim, essas práticas são chamadas hoje de proposta. A dinâmica triangular propõe que os alunos passem por três pontos-chaves durante o processo de ensino e aprendizagem em arte, que são, ver, fazer e contextualizar. De acordo com a autora, não existe uma sequência lógica dessas ações, desde que nenhuma delas seja esquecida. Na proposta triangular, o aluno não fica exposto às imagens sem problematizações, pois não se trata de

reproduzir obras, mas sim de experimentar vivências em contexto com o conteúdo descoberto e assimilado. A Proposta Triangular tem sido um direcionamento positivo para vários professores que atuam em arte e assim sendo, torna esses professores mais ativos e criativos no momento de planejamento de curso e de aulas. Ana Mae Barbosa (2018) em *Inquietações e Mudanças no Ensino de Arte*, afirma que só um saber consciente e informado torna possível a aprendizagem.

Não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte. Não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte. A arte como linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. (BARBOSA, 2018, p.17-18).

Um outro ponto que podemos destacar dentro da dinâmica viva da Proposta Triangular é que, por meio da contextualização, a arte-educação alcança resultados positivos em projetos e aulas que visam à construção social, não isolando a cultura local, e sim discutindo-a em relação a outras culturas. Dentro desse caminho que envolve o ensino de arte, a defesa e a necessidade de afirmação de sua importância, já se reuniram inúmeros argumentos importantes, porém alguns bem distantes dos processos educacionais que envolvem ações artísticas: conhecer, fazer, criar, perceber, ler, localizar e interpretar. Esse distanciamento entre os argumentos de defesa e a realidade da escola torna a disciplina pouco reflexiva, porque geralmente são argumentos que priorizam o desenvolvimento de habilidades manuais ou ainda a criatividade sem mediação. Não que as habilidades manuais não sejam importantes para o desenvolvimento do processo criativo, mas ela não é o único caminho. O conceito e a ideia ocupam espaço de valor dentro de criações de grandes artistas e também dentro de criações dos alunos. A mediação da criatividade, citada aqui, não representa corte ou poda, pelo contrário, ela aguça o desejo da descoberta através da curiosidade, senso crítico e o privilégio da dúvida.

As professoras e autoras Mirian Celeste Ferreira Dias Martins, Gisa Picosque e Maria Terezinha Telles Guerra (2009), em *Teoria e Prática do Ensino de Arte*, cientes dos caminhos trilhados pelo ensino de arte, reafirmam a importância da Arte dentro da escola principalmente porque é importante fora dela. Por ser um

conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber. Em busca de uma aprendizagem significativa nos alunos, o professor deve entender que talvez o aprendiz ainda não tenha vivido encontros felizes com a Arte e, sendo assim, podem apresentar dificuldades em explorar e comunicar ideias de pensamentos e sentimentos, tendo aprendido apenas a seguir a lição de outros, sendo repetidor do pensamento do outro. Portanto, as autoras afirmam que tratar a Arte como conhecimento é o ponto fundamental e também condição indispensável para um enfoque responsável e contextualizado do ensino de Arte. Ensinar Arte significa articular campos conceituais como, criação, percepção e conhecimento, compreendendo a história e a cultura.

Ainda no âmbito das mudanças de nomenclaturas e ações sobre o ensino de Arte, as autoras Maria Heloísa C. de Ferraz e Maria F. de Rezende e Fusari (2010), em *Arte na Educação Escolar*, afirmam que o termo *arte-educação*, que aparece cotidianamente nos estudos sobre o ensino de Arte, reforça o lugar de valor do professor da área, discute e propõe um redimensionamento do seu trabalho, conscientizando-o da importância da sua ação profissional e política na sociedade.

De acordo com Lúcia Pimentel (2014) em seu artigo *Fronteiras e Alteridade: Ensino/Aprendizagem de Arte e sua pesquisa*, é possível conhecer, analisar e direcionar os pontos e caminhos que envolvem o processo de ensino/aprendizagem em Arte, assim como os elementos que envolvem a pesquisa sobre o assunto. Segundo Pimentel, os avanços no âmbito da história do ensino/aprendizagem em Arte são muitos, porém a pesquisa que trata dessa área é recente. É compreensível que o ensino/aprendizagem em arte ocorra a partir do saber sobre Arte e do saber sobre ensinar e aprender sobre arte, pois assim fica possível alcançar mudanças significativas em maneiras, em práticas, em metodologias e em propostas. Sendo assim, os posicionamentos de Lúcia Pimentel nos fazem entender que toda pesquisa supõe vontade clara e determinada de buscar algo, seja uma explicação seja uma solução. E em relação à pesquisa em Arte, as soluções encontradas surgem a partir das problematizações propostas pelo pesquisador, como é o caso desta pesquisa que aponta uma iniciativa de abertura de caminhos possíveis a serem trilhados, de acordo com o levantamento apresentado. Abordando a prática da pesquisa que

parte do professor, Lúcia Pimentel cita Rey (1996), alegando a existência de duas modalidades de pesquisa: *em Arte* e *sobre Arte*. Por analogia, então, consideremos que a presente pesquisa se caracteriza como *sobre*, uma vez que é sobre o ensino/aprendizagem em Arte. E nessa busca e investigação sobre o ensino/aprendizagem em Arte, o que já foi pensado e produzido pode ser revisitado, propiciando diálogos e novas referências para novas criações e servindo de suporte para novos pontos de partida. Consideremos ainda que a pesquisa sobre ensino/aprendizagem busca no próprio ensino/aprendizagem o seu objeto de estudo, conhecendo e reconhecendo práticas, metodologias e propostas.

Portanto, em relação aos métodos e propostas que envolvem a presente pesquisa, entendemos que métodos, frequentemente chamados de metodologias, consistem em regras a serem seguidas. A pesquisa que utiliza apenas métodos como fios condutores em busca de bons resultados, segue um roteiro em que não existe espaço para problematizações ou criações além do previsto. Por outro lado, a metodologia parte do pesquisador que seleciona quais ações irá utilizar em sua pesquisa e, atuando dinamicamente, ainda cria seus próprios métodos, o que enriquece a pesquisa, se afastando do caráter engessado de roteiros a serem seguidos indiscutivelmente. Reconhecendo que toda pesquisa precisa de uma metodologia, pois através dela, se chega ao resultado desejado, a metodologia mais adequada será definida pelo pesquisador de acordo com suas intenções e pontos de vista sobre o objeto de estudo. Como esta pesquisa sobre ensino/aprendizagem em Arte está relacionada à ação e à reflexão, a metodologia deve abranger as etapas que preveem problemáticas sociais e construção de saberes no âmbito educacional, constituindo-se então em uma pesquisa ação reflexiva.

Todas as pesquisas que considerem Arte e seu ensino como campo de conhecimento contribuem para a formação de um corpus necessário para impulsionar a efetivação da prática artística em toda a sua amplitude, com todas as conexões possíveis do pensar Arte. (PIMENTEL, 2014, p. 21).

Analisando ainda os avanços e os caminhos percorridos pelo ensino de Arte em nosso país, Ana Mae Barbosa (2019), em *A imagem no ensino de Arte*, fazendo uma breve revisão sobre a Proposta ou Abordagem Triangular, afirma que precisamos de arte, de educação, de ação e de pesquisa para descobrir como nos tornarmos mais eficientes no nosso contexto educacional, desenvolvendo o desejo e

a capacidade de aprender em nossas crianças. E, partindo do pressuposto de que a Arte não é apenas socialmente desejável, mas socialmente necessária, entendemos que não é possível o desenvolvimento de uma cultura sem o desenvolvimento das suas formas artísticas. Sobre a necessidade ou a importância da existência e a permanência da Arte dentro das escolas, Ana Mae diz que se a Arte não fosse importante não existiria desde o tempo das cavernas, resistindo a todas as tentativas de menosprezo. Ainda sobre a Proposta Triangular, que inclui três abordagens, Ana Mae destaca o uso da prática, que é o fazer arte, como a mais dominante, porém ressalta uma importante observação sobre essa prática estar desvinculada do pensamento e conhecimento artístico.

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é o suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca. (BARBOSA, 2019, p. 35).

Ana Mae sempre defendeu a necessidade de um currículo que interligasse o fazer artístico com a análise da obra de arte e com a contextualização, pois assim trataria de atender as crianças nas suas necessidades, nos seus interesses e em seu desenvolvimentos, respeitando-as e ao mesmo tempo respeitando também a disciplina a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura.

Com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (2018), as linguagens artísticas e as práticas propostas em sala de aula para a disciplina ganham alternância e com isso, evidencia uma intencionalidade de que o conhecimento e a aprendizagem não fiquem restritos a fazeres práticos somente. Em relação aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, A BNCC reconhece que existe uma transição de atividades que envolvem jogos e brincadeiras, comuns na Educação Infantil, para uma organização curricular estruturada por áreas de conhecimento. Sendo assim, o ensino de Arte deve assegurar aos alunos a possibilidade de expressar criativamente, independente de sua utilidade de estar à serviço de outras disciplinas, propiciando uma continuidade lúdica em relação à Educação Infantil. Para tanto, as quatro linguagens da Arte devem ser centradas nas experiências e vivências artísticas de acordo com os interesses das crianças e nas culturas infantis. Tendo em vista também o compromisso de assegurar aos alunos o desenvolvimento das competências relacionadas à

alfabetização e ao letramento, a disciplina de Arte possibilita acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades previstas no currículo. Na BNCC de Arte, cada linguagem artística (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) constitui uma unidade temática que apresenta objetos de conhecimento que possuem suas habilidades específicas. Além das quatro linguagens, existe uma unidade temática chamada de Artes Integradas, que também possui suas habilidades.

Dentre as habilidades de Arte descritas na BNCC para os anos iniciais do Ensino Fundamental, para cada linguagem artística em seus objetos de conhecimento, é possível identificar a existência de um compromisso em associar criação, teoria e contexto. Em Arte visuais, por exemplo, no objeto de conhecimento chamado de contextos e práticas, existe a habilidade que prevê a identificação e apreciação de formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. Ao mesmo tempo, ainda em Arte visuais, no objeto de conhecimento chamado de processos de criação, existem as habilidades que preveem a experimentação da criação de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diversos espaços da escola e da comunidade e, ainda, dialogar sobre a sua criação e as dos colegas para alcançar sentido plurais. Isso acontece também nas habilidades previstas para Dança, Música e Teatro, propiciando o conhecimento, a vivência e a prática de cada linguagem, estendendo-se também ao campo Artes Integradas que dá ênfase ao estudo sobre matrizes estéticas culturais, patrimônio cultural e tecnologia.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. (BRASIL, 2018, p. 193).

Em relação a essas competências e habilidades que compõem a BNCC, as autoras Fernanda Maria Santos Albuquerque e Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles Findados no artigo Currículo e Arte: perspectivas e (im)possibilidades nos anos iniciais do Ensino Fundamental (2020) ressaltam que nos dois primeiros anos dessa modalidade, a ação pedagógica tem como foco a alfabetização, o que é aliado

ao cuidado com a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Sendo assim, as autoras questionam se a Arte se faz realmente presente nas escolas, pois nas atividades propostas em sala de aula, muitas vezes existe a prevalência de conteúdos técnicos, afastando as experiências estéticas e separando-as de todo o conhecimento artístico legitimado pela escola e pela BNCC. Ou seja, para as autoras, os elementos artísticos compõem o ambiente escolar, mas por vezes aparecem com intervenções simplistas, sendo abordados apenas de modo raso e pedagogicamente utilizado como ornamentação. Ressaltam, ainda, que em alguns casos, o ensino de Arte nas escolas não tem a devida atenção e valorização da potência que pode trazer consigo.

Diante das unidades temáticas, objetos de conhecimento e das habilidades propostas na BNCC, cabe ao professor mediar os planos de aulas e as práticas docentes para que o documento seja um elemento norteador do ensino. A teoria e o conhecimento são descritos e propostos assim como a prática de criação, dentro das quatro linguagens artísticas. Anamélia Bueno Buoro, em seu artigo *Ensino da Arte: contribuições semióticas*, publicado na *Revista de Ensino de Artes, Moda e Design* (2021), salienta que na junção de teoria e prática, em alguns casos, a teorização perde suas funções.

Uma criança do Ensino Fundamental I, por exemplo, ainda não tem maturidade intelectual para compreender todas as nuances da teoria semiótica – e, nesse caso, o educador será o mediador entre um objeto complexo de significado, como são algumas obras de arte, e o seu leitor, ou seja, criam-se estratégias de didatização para que ele possa apreender os múltiplos significados da obra apresentada, sem, necessariamente, vulgarizar suas potencialidades interpretativas. (BUORO, 2021, p. 163).

De qualquer modo, a mediação tem um papel importante no processo de ensino e de aprendizagem em qualquer área do conhecimento e, no caso da Arte, ela promove práticas de leitura que são desenvolvidas pelo professor que, por meio da didática, aborda aspectos das teorias, facilitando-as, para que os alunos aproveitem e compreendam ao máximo os conteúdos previstos nas práticas. Desenvolvendo assim, o gosto pela percepção de obras de arte e a capacidade de percepção delas. Essa mediação e didática docente é um trabalho sério e importante, pois é por intermédio dela é que o professor lança mão de sua sensibilidade como conhecedor do interesse de seus alunos, realizando sempre um

trabalho de pesquisa em busca de contextos pertinentes e adequados para cada turma e cada faixa etária.

Sobre o papel de mediador do professor diante dos variados objetos de conhecimento e das variadas habilidades propostas no ensino e aprendizagem em Arte, Sérgio Naghettini, em seu artigo *Ensino e Aprendizagem de Arte nas Escolas Rurais: a poética intercultural de práticas educacionais*, publicado na *Coleção Prof-Artes*, Udesc (2020), reafirma que a escola, como espaço de produção de conhecimentos, é o local onde o docente organiza, analisa, planeja e reflete sobre suas práticas pedagógicas diárias. A redefinição do seu papel de educador acontece no processo de produção de conhecimento com a colaboração dos estudantes, da instituição e da comunidade escolar. Nesse sentido, a escola deve estar preparada para a reflexão que possibilite, aos envolvidos, compreender as implicações da cultura no dia a dia escolar, abrangendo todas as linguagens artísticas e conseqüentemente todas as competências e habilidades, conhecendo-as e respeitando-as em suas diversidades. O papel dos professores de Arte supõe não só mediar o processo de ensino e aprendizagem, mas também oferecer referências culturais que possam dar mais sentidos a tal processo.

Nas reflexões sobre a mediação entre teoria e prática e, lançando mão das diversidades das habilidades de ensino propostas, nos atentemos ainda, à fala de John Dewey, em *Experiência e Educação* (1979), sobre a crença de que toda educação se consuma através da experiência, pois isso não quer dizer que todas as experiências são educativas. Segundo Dewey, é deseducativa a experiência que produz efeito de parar ou distorcer o crescimento para novas aprendizagens e experiências. Sendo assim, a experiência e a vivência de prática artística podem ser imediatamente agradáveis e, entretanto, encaminhar para atitudes descuidadas e preguiçosas. As experiências podem ser tão desconexas e desligadas umas das outras que embora agradáveis, não se articulem. Dewey ainda nos faz pensar sobre as conseqüências desse tipo de experiência, em relação à sala de aula, quando questiona quantos estudantes, por exemplo, se tornam insensíveis a ideias e quantos perdem o ímpeto por aprender, devido ao modo que experimentaram o ato de aprender? Quantos acharam que o que aprenderam foi tão alheio às situações de vida, fora da escola, que nenhuma capacidade de controle pôde desenvolver para o

comando da vida? Esses questionamentos não surgem como forma de condenação à prática docente, mas aparecem para que, como educadores, sejamos capazes de entender que no processo de ensino e de aprendizagem em Arte, em muitos casos, não faltam experiências práticas, a preocupação é saber sobre a qualidade dessas experiências.

Diante de tantos compromissos didáticos e de tantas habilidades e campos de conhecimento, o professor mediador tem o papel de unir teoria, prática e conhecimento cultural, que seja eclético, real e respeitoso a todos os espaços de produção artística humana. Miriam Celeste Martins em seu artigo *Arte, só na aula de Arte?*, levanta discussões e pensamentos acerca do papel mediador em torno de obras de arte. Segundo ela, a mediação cultural pode ser o espaço da conversação, da troca, do olhar estendido pelo olhar de outros que não elimina o do sujeito leitor, seja ele quem for. Sem a problematização proposta pelo professor mediador, talvez nosso olhar poderia ficar amarrado à beleza da arte na reprodução da realidade, como se ela isso almejasse. Garatujas, desenhos infantis ou de jovens e adultos poderiam ainda ser olhados apenas como tentativas da representação fiel. Leituras que apenas descrevem o que se vê ou que simplesmente repetem as interpretações dos livros de história da arte teriam a possibilidade de continuar sendo solicitadas. O convite da mediação não é a adivinhação ou a explicação, mas a decifração, a leitura compartilhada, ampliada por múltiplos pontos de vista. Miriam afirma ainda, que a mediação cultural não é uma ação fácil, pois, ao mesmo tempo em que exige um olhar do mediador atento às produções artísticas e ao que já foi dito e escrito sobre elas, determina um olhar sobre os leitores com seus repertórios, subjetividades e contextos particulares, mesmo que sejam da mesma faixa etária e alunos de uma mesma escola.

Embora as concepções contemporâneas sobre a arte e seu ensino já estejam contempladas nos documentos curriculares oficiais e nas pesquisas acadêmicas recentes, Gilvânia Maurício Dias de Pontes (2010) acredita que a sua significação ocorrerá na e pela ação docente em contextualizá-la. Nesse sentido é fundamental refletir sobre o que move a ação dos professores quando propõem atividades de Arte em suas salas de aula. Essa ação traz concepções, conscientes ou não, sobre estética, sobre arte, sobre ensino, sobre função do professor e sobre ensinar e

aprender artes, que foram historicamente construídas. O texto “Aspectos históricos das propostas pedagógicas de ensino de Arte”, de Gilvânia, destaca, também, que na história da educação escolar, a Arte sempre se fez presente, ainda que houvesse variações de intenções de acordo com os princípios que a Escola assumia em cada época. Contudo, a significação para os usos que se fez da arte na educação não depende somente do papel que se atribui à escolarização, pois o conteúdo e a própria história da Arte, em sua amplitude de dimensões, permitiam que lhe fosse atribuída sentidos e funções diferentes.

Todavia se faz necessário ressaltar que a educação básica pública em nosso país não destina um espaço digno ao ensino de Arte, tão pouco de disciplinas que privilegiam o pensamento artístico. A carga horária de aula é mínima e os espaços destinados às aulas não são diferenciados e nem apropriados para vivências de experiências artísticas. Esse pouco contato que o aluno tem com a disciplina de Arte na escola interfere diretamente nos sujeitos que saem da escola ao terminarem os seus estudos. O mínimo de aulas de arte pode acarretar em pouco interesse e distanciamento que vão além do geográfico, de centros culturais, museus, apresentações e tudo mais que possa envolver expressão artística. Ainda que museus virtuais e diversas apresentações artísticas estejam disponíveis para visita on-line, é necessário que o público tenha interesse nessa visita. Em algum momento da vida da pessoa ela deve ter o primeiro contato com uma obra de arte, seja da antiguidade ou da contemporaneidade, para que desperte nela o desejo de querer ver mais. Esse primeiro contato pode surgir em família, quando essa apresenta um histórico de interesse cultural, mas é dever também da instituição escolar oferecer essa degustação artística. Oferecer o acesso, ainda que remoto ou impresso em reproduções, a obras de arte que contam a história da humanidade é um compromisso que perpassa pelo ensino de arte, dentro da estética contemporânea.

Desde o período da educação infantil passando pelo início do ensino fundamental e fases de alfabetização, a imagem, a música e a expressão corporal se constituem em elementos indispensáveis nas escolas. As junções de letras e depois de palavras começam a fazer sentido a partir da associação às imagens, por exemplo. O visual e o gestual se fazem presente em todas as fases que antecedem

o entendimento de arte como linguagem e expressão. As crianças cantam, dançam, pegam em tintas, sentem texturas e fazem as primeiras garatujas muito antes de dominarem a leitura e a escrita. A manifestação expressiva e artística vai perdendo lugar ao longo dos anos de estudo, até que o aluno com 10 ou 12 anos para de dançar porque sente vergonha e para de desenhar porque diz não saber. Essa pausa está associada a várias questões, porém a maior delas pode ser a falta de identificação e pertencimento às diferentes manifestações artísticas e culturais. Os estímulos que o professor apresenta nas diferentes fases de ensino interferem totalmente em como esse sujeito vai lidar com as próprias criações.

Em Artes Visuais, por exemplo, é necessário que haja apropriação de reproduções de desenhos de diferentes épocas e autores, ainda que em escalas desproporcionais, numa espécie de galeria de arte impressa em papel. Esse álbum de imagens que estão presentes em livros didáticos de Arte, permite à arte-educação movimentar a engrenagem da abordagem triangular: ver, fazer e contextualizar. E sendo assim, através do acesso a essas reproduções reunimos em nossa memória mais obras de arte do que um museu pode conter. Dessa forma, a história da arte e as imagens de obras primas oferecidas às crianças, associadas à experimentação e às imagens reais possíveis, ajudam no entendimento delas sobre o lugar e o tempo que essas obras são situadas. Toda forma de arte parte de um significado e todos os significados possíveis vão fazer parte do entendimento do seu contexto. Os álbuns de fotografias de obras de arte e as pequenas galerias impressas chegam de diferentes maneiras, seja pelo arquivo exibido em vídeo pelo professor, seja pelos livros didáticos ou apostilas, seja pela rápida busca na internet. O mais importante é que as obras de arte levadas para a sala de aula sejam analisadas e lidas como textos visuais. E essa leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico e social da imagem ou manifestação artística apresentada.

Para a sala de aula, a imagem é tudo, e nas aulas de arte as imagens e as demais linguagens artísticas expressivas funcionam como impulso ao processo criativo. Com estudo, dedicação e criatividade, o professor pode alavancar o processo de ensino e aprendizagem em arte de forma positiva, repensando, revisando, experimentando e buscando soluções educadoras possíveis.

2.2. Diálogo com os pares: Como professores e professoras em tempos e lugares diferentes, pensam e atuam no ensino de Arte.

Quando voltamos o olhar não só para práticas docentes, mas também para a aprendizagem do aluno, podemos entender que atividades como receber desenhos impressos e colorir dentro do contorno com cores previamente determinadas podem se constituir em caminhos licenciosos trilhados pelo professor, e por consequência, caminhos vazios e desconexos percorridos pelos alunos. Existem nessa dinâmica, ações e reações percebidas de ambos os lados que evidenciam o quanto essa prática não se constitui em algo positivo para o ensino e aprendizagem em Arte. O que se almeja para a disciplina de Arte, como área de conhecimento que é, são posicionamentos críticos, criativos e contextualizados, tanto para professores como para alunos. Ou seja, desde a elaboração dos planejamentos e planos de aula, como também no exercício da prática diária em sala de aula. Os alunos também devem ser capazes de agir e pensar criticamente e criativamente, sempre contextualizados com o ambiente em que vivem e com o mundo em que estão inseridos.

A palavra contexto, utilizada para designar uma das intencionalidades do ensino de arte contemporâneo, refere-se a universos variáveis e pertinentes a cada tema trabalhado na abordagem artística. São universos de linguagens, de ambientes, de épocas e de intencionalidades que possam dialogar com a abordagem artística. Esses contextos podem, inclusive, ser encontrados em outras áreas de conhecimento para que assim, sempre haja a investigação. Ressalta-se que as outras áreas de conhecimento que podem ser buscadas através da Arte não são previamente determinadas, pois o professor deve se apropriar do caráter

investigativo e direcionar sua busca de acordo com a intencionalidade desejada. As investigações e soluções são contextualizadas com a área de conhecimento escolhida pelo professor em determinada atividade e assim, as áreas podem se alternarem e alterarem. Pode-se afirmar nesse ponto, a existência de um privilégio característico da área artística, que é o de caminhar bem por várias áreas do conhecimento, adaptando-se aos contextos, uma vez que é linguagem e assim sendo, comunica.

Diante de leis e resoluções vigentes e também de caminhos possíveis, na prática para o ensino de arte, podem surgir inseguranças e conflitos por parte de educadores. Seja em busca do material adequado, seja na ausência de um ambiente que proponha o aprendizado em arte ou seja em relação ao interesse do aluno. O fato é que os anseios podem tomar conta do processo de ensino e aprendizagem da disciplina que envolve quatro linguagens, prática, teoria e reflexão. Entendo que, assim como eu, muitos outros professores de Arte, sejam eles habilitados ou não, se preocupam em trilhar o caminho mais adequado na elaboração dos planos de aulas. A meu ver, o acerto no caminho em busca pelo conhecimento vem da autorreflexão de cada professor. Despertar sentido, pensamento e posicionamento crítico nos alunos envolve a apresentação de temas e de atividades planejadas de forma consistente e consciente. Dessa forma, a livre demanda de papéis impressos sem critério e o “deixar fazer” muito provavelmente não atingirão o foco pretendido. Saliente nesse ponto que a palavra foco, nesse contexto, não despreza o processo. Pelo contrário, todos os passos possíveis e ocorridos são importantes e necessários, inclusive a consideração de que cada aluno passa por esses caminhos em tempos e formas diferentes.

Positivamente é possível constatar que existem atualmente profissionais da educação interessados e preocupados com os caminhos que o ensino de Arte vem trilhando, como é o caso dos professores Globery Gonçalves Bruce, Corina Fátima Costa Vasconcelos, Jadson Justi y María das Graças Pereira Soares, em “O ensino da arte como construção do conhecimento de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental”, publicado em 2019, na Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo. Os autores investigaram, de forma qualitativa, aspectos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem em Arte, tornando-se indicativos de possíveis

lacunas. A pesquisa aconteceu em uma escola pública de Parintins, no estado do Amazonas e, estiveram envolvidos quatro professores que foram observados e entrevistados. Dentre os resultados alcançados e relatados pelos professores pesquisadores, estão os registros das formações acadêmicas dos professores que lecionam Arte nos anos iniciais, que são: Normal Superior com complementação em Pedagogia, Pedagogia com especialização em Psicopedagogia e Licenciatura em Ciências Biológicas. Apenas um dos quatro professores entrevistados, possui uma formação continuada na área de Arte e, ainda assim, relata que o curso feito se baseou apenas em atividade teóricas, não abordando práticas de sala de aula e nem metodologias e que, a seu ver, não contribuiu para a melhoria das suas aulas de Arte. Todos os quatro professores revelaram dificuldades em trabalhar com o componente curricular Arte. Com base nesse levantamento, os professores pesquisadores concluem que os professores reconhecem a relevância do ensino da Arte para o desenvolvimento do aluno e de sua capacidade motora intelectual, mas são conscientes de suas limitações quanto ao domínio dos conhecimentos específicos da área artística, o que interfere diretamente em suas práticas pedagógicas.

Em relação ao entendimento do que seja Arte, as respostas dos professores entrevistados foram: expressão de sentimentos, instrumento capaz de trabalhar a timidez e ainda, a concepção de que Arte é ludicidade. Dentre as falas do grupo dos quatro professores entrevistados, apenas um mencionou o termo “desenvolvimento intelectual”, trazendo a compreensão de que o ensino da Arte em sala de aula não se limita à produção de atividades práticas que priorizam apenas habilidades manuais. Os pesquisadores concluem que os professores da escola pesquisada *“Não possuem o domínio dos conhecimentos específicos da área”* (palavras dos pesquisadores) e acreditam que isso compromete o ensino de arte e destacam ainda que o fazer artístico é reduzido em atividades mecânicas.

Sendo assim, o relato de pesquisa que compõe o artigo aqui exposto, reforça a inquietude de professores de Arte que desejam atuar na melhoria do cenário do ensino e aprendizagem em Arte, tendo como embasamento e suporte as legislações em vigor, as propostas contemporâneas de ensino de Arte e a capacitação profissional.

Um trabalho também analisado aqui, é o da Professora Tatiane Pereira da Silva, Pedagoga, formada pela Universidade do Estado do Rio Grande do Sul. Em seu Trabalho de Conclusão de Curso, ocorrido em 2021, intitulado “Ensino de Arte: Um estudo sobre o perfil dos profissionais de Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, atuantes em escolas públicas municipais de São Luiz Gonzaga - RS”. Neste trabalho a professora sonda e analisa o perfil dos professores que atuam em sala de aula com a disciplina de Arte, observando metodologias e planos de aulas, assim como entrevistando os professores das escolas visitadas por ela.

O foco da minha pesquisa não é analisar o perfil e a formação dos Professores que atuam com Arte, porém reconheço que esses dois fatores podem ser também um indicativo de práticas e escolhas didáticas. Dessa forma, ainda que o trabalho da professora citada tenha o caráter de analisar perfil, ele contribui com a minha pesquisa no que diz respeito à observação de práticas e aos diálogos entre professores nos momentos de planejamentos e de manejo com a disciplina. Sendo assim, dentro do seu trabalho, a professora Tatiane relata a constatação de que em algumas escolas visitadas por ela, os professores utilizavam planos de aulas prontos a partir de outros planos prontos que eram repassados entre os professores, assim como a existência de práticas recorrentes de pesquisas de atividades na internet, que eram aplicadas aos alunos através de cópias. Durante seus diálogos com os professores existiu a alegação de que o critério de seleção dessas atividades era a certeza em optarem por planos que já deram certo.

Entendendo que a Arte tem seus conhecimentos específicos como, por exemplo, a leitura de imagem, o fazer artístico, o compreender, o apreciar, as diferentes linguagens, entre outros, e tendo como referência o Proposta Triangular de Ensino de Arte de Ana Mae Barbosa, é necessário e urgente a valorização e apoio de toda manifestação que almeja propiciar condições de ensino e de aprendizagem que sejam significativas para ambos os lados, professor e aluno. E assim sendo, o trabalho citado da professora, conclui que os três professores observados, de turmas e escolas diferentes, possuem formações parecidas: nível médio em Magistério ou curso Normal, que também é voltado para a formação de professores, e nível superior em Pedagogia. Os três professores cursavam Pós-

Graduação na época das entrevistas, sendo nos cursos de Coordenação Escolar, Psicopedagogia e Psicomotricidade. Observa-se, portanto, que nenhum deles cursavam algo do contexto do ensino de arte, bem como em nenhuma linguagem que envolve a disciplina: artes visuais, dança, música e teatro.

Penso que o fato de existir menor interesse por parte dos professores em buscarem formação em Arte reflete não só em sua atuação em sala de aula, mas também na escolha de materiais didáticos, na forma de abordagem da disciplina e na importância que é dada à área. No dia a dia, dentro das escolas, muitos professores regentes de aulas, que atuam em outras disciplinas específicas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio tendem simplesmente a ignorar a importância e a existência da Arte e do seu ensino. Porém para os professores regentes de turmas que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é de suma importância que exista o interesse e o contato com propostas mediadoras, com as legislações e com metodologias que envolvem a Arte e a Educação. O ensino de Arte, assim como o ensino de qualquer outra disciplina não pode e nem deve ser negligenciado. Se cada vez menos, surgem professores interessados no ensino de arte, isso pode estar ligado também a uma situação de organização governamental, como por exemplo, a carga horária mínima da disciplina na grade curricular. Enquanto Arte ocupa apenas uma (01) aula de 50 minutos por semana, outras disciplinas têm três, quatro e até cinco aulas. Esse fato gera um impacto no interesse e na seriedade por parte dos alunos, na seleção dos conteúdos a serem ministrados pelos professores porque os conteúdos devem caber na quantidade mínima de aulas e isso muitas vezes, impede aprofundamento e vivências de práticas, como também compromete o número de vagas de trabalho oferecidas ao professor. O profissional que busca Cursos de Licenciatura de disciplinas que ocupam maior número de aulas na grade curricular, certamente terá mais chances de conseguir uma vaga de trabalho, seja através de um concurso público ou de trabalho temporário. E se no âmbito do trabalho citado, feito em uma cidade do interior do estado do Rio Grande Sul, constata-se que entre os professores entrevistados não existiam aqueles com formação específica em Arte, isso mostra que pode ser uma realidade nacional, tendo em vista os resultados que aparecerão na minha pesquisa em uma cidade do interior do estado de Minas Gerais.

Outro ponto a ser considerado é o fato de uma Pedagoga ter a preocupação e o interesse em entender os processos de ensino que envolvem Arte, como é o caso do trabalho citado. Profissionais da educação com formação em Pedagogia atuam não só em salas de aulas, mas também em cargos de supervisão escolar e, sendo assim, precisam ter amplo conhecimento sobre metodologias e possibilidades educacionais das diversas áreas de conhecimento. Como professora de Arte atuante, com passagem por algumas escolas públicas, não pude constatar a parceria com Supervisores Escolares que tivessem conhecimento sobre a disciplina de Arte. Pelo contrário, a ideia era sempre a mesma: decoração de ambiente escolar, organização de festas e reprodução de lembrancinhas que reproduzem estereótipos sobre datas cívicas e comemorativas. Diante disso, acredito que o profissional da Pedagogia, estando nas atribuições de sala de aula ou nas atribuições de um cargo de Supervisão, pode contribuir e muito com o processo de ensino e aprendizagem em Arte, desde que tenha o interesse em buscar formação e conhecimento sobre o assunto.

Em análises a outros trabalhos que possam ser relevantes para a minha pesquisa, me deparei com o Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, pela professora Andréia Pires Ferreira, no ano de 2022. O trabalho intitulado “Reflexões sobre o ensino da Arte em turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental” preocupa-se em constatar práticas e ações pedagógicas que vêm sendo utilizadas dentro do município de Oiapoque, no estado do Amazonas, Campus Macapá. Dentro do nível de escolaridade pesquisado, que é onde as crianças desenham, pintam, constroem e rabiscam, a autora demonstra uma preocupação inicial com a pintura em sala de aula, que de acordo com seu relato, vem sendo utilizada com um passatempo e não como uma possibilidade de construção de conhecimento artístico. Ela cita como referência a Proposta Triangular de Ensino de Arte e através dela, almeja constatar uma prática reflexiva e contextualizada dentro da escola pesquisada, que é da rede pública municipal, atendendo 532 alunos com um quadro de 36 professores, entre efetivos e contratados. Sendo assim, para realizar seu trabalho, a professora aplicou questionários a esses docentes visando compreender como o ensino de Arte vem sendo abordado nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dentre as perguntas que constavam no questionário utilizado, destaco algumas: A pergunta que trata de como

a Arte está presente na sala de aula, três respostas me chamaram a atenção. Uma dizia que a Arte faz parte do dia a dia, a outra dizia que a Arte contribui com outras disciplinas e a terceira afirmava que a Arte aparece de forma interdisciplinar. A segunda pergunta a me chamar a atenção foi sobre a importância de trabalhar a Arte e, dentro das respostas obtidas aparecem as palavras autoestima, aptidão, criatividade, autonomia e transmissão de alegria. Outra pergunta relevante para o meu processo de pesquisa, foi a que tratava do planejamento das aulas e da frequência dessas aulas. As respostas foram as seguintes: alguns professores se orientam pela BNCC, mas não aprofundaram sobre quais habilidades ou linguagens. Uma outra resposta informa que a Arte sempre está no planejamento, pois está presente nas festas juninas e também nas festas de final de ano. Tiveram registros também de respostas que afirmavam que a Arte está presente de forma interdisciplinar durante todas as aulas em todos os dias, mas sem aprofundamento de qual área essa interdisciplinaridade acontece. Em relação à frequência das aulas de Arte, oscila entre 1 aula por semana regularmente e entre a inexistência do período de aula semanal, já que existem outras ações dentro da escola que envolvem Arte.

Pensando em contribuir e democratizar o ensino de Arte, o trabalho citado no parágrafo anterior, nos mostra o quão carente está o cenário. A formação acadêmica desse grupo de professores não foi revelada, porém é possível perceber que as respostas são rasas diante da complexidade pretendida e anunciada no título do trabalho. Para gerar pensamento reflexivo diante desses dados coletados e apresentados, começo pela constatação do caráter decorativo e terapêutico que esses professores atribuíram à Arte. A interdisciplinaridade que aparece na maioria das respostas, a meu ver, parece ter sido usada como uma blindagem de algo que não está claro ou aparente. Portanto esse trabalho contribui para a minha pesquisa à medida que ele evidencia e traz à tona a infeliz realidade de como a disciplina de Arte vem sendo conduzida nas escolas públicas do nosso país. E mais uma vez, ressalto que os problemas e desafios não representam uma parte específica regional e sim, todo o território nacional, visto que a abordagem agora veio de mais um estado, geograficamente falando.

3. PESQUISA AÇÃO

3.1 Investigação dialógica *in loco* e divulgação dos dados

Como a pesquisa visa contribuir significativamente para o processo de ensino e aprendizagem em Arte na cidade de Carangola, Minas Gerais, foi preciso e necessário o apoio e participação dos docentes que lecionam Arte. Dessa forma, o contato com professores, que faz parte desta pesquisa, passa pela conversa reflexiva sobre o hábito e a importância do planejamento, das metodologias e dos objetivos que se deseja alcançar com as aulas de arte.

Neste capítulo serão apresentados os dados relativos à pesquisa de campo feita nas 6 (seis) escolas da rede pública da cidade de Carangola, pertencentes à zona urbana. A investigação ocorreu diante de inquietações percebidas pela professora pesquisadora em relação ao processo de aprendizagem dos alunos a partir do 6º ano de escolaridade, quando iniciam o Ensino Fundamental II.

As visitas feitas às escolas foram devidamente autorizadas pelos órgãos competentes e responsáveis, como a Secretaria Municipal de Ensino de Carangola e a Superintendência Regional de Ensino de Carangola, conforme documentos anexados. A presença da professora pesquisadora dentro dessas escolas do município em questão, envolveu diálogos entre docentes em uma entrevista semiestruturada, em que o instrumento também consta anexado nesta dissertação, que norteou a conversa a fim de se estabelecer meios reais de conhecimento sobre o processo de ensino e de aprendizagem em relação à disciplina de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Das 6 (seis) escolas visitadas, 3 (três) pertencem a rede municipal e 3 (três) à rede estadual de ensino. Cinco delas oferecem todas as séries dos anos iniciais do Ensino Fundamental e uma delas, da rede municipal, oferece no momento, ano de 2023, apenas o 4º e 5º ano de escolaridade. A entrevista foi realizada com um total de 42 (quarenta e dois) professores, sendo 39 (trinta e nove) mulheres e 3 (três) homens, com idades entre 29 e 64 anos, que atuam como regentes de turma. No decorrer das visitas, a receptividade das escolas por parte da equipe gestora foi acolhedora, com conversas agradáveis e de muito entusiasmo em relação às

reflexões que envolvem a qualidade do processo educacional. E de forma geral, os professores entrevistados, foram abordados respeitosamente e participaram de maneira voluntária e acolhedora. Durante as entrevistas apenas 1 (um) professor se recusou a responder alegando não ter tempo disponível e 1 (um) outro atendeu a entrevista, mas se recusou a revelar a idade, o que não afeta e não compromete os dados coletados.

As escolas foram identificadas aqui como Escola A, B, C, D, E e F. Os itens coletados no instrumento da entrevista semiestruturada serão demonstrados separadamente e as análises reflexivas seguirão logo após, através de gráficos, de forma a promover o entendimento sobre a realidade escolar da cidade e também discutir sobre possíveis lacunas, assim como ressaltar os pontos positivos praticados dentro da rede pública, em relação a existência e resistência do ensino de arte.

A Escola A, que será assim identificada, foi visitada em 12 de setembro de 2023, pertence à rede estadual de ensino e possui 7 professores atuantes como regentes de turmas distribuídas entre 1º e 5º ano de escolaridade. Eles têm idades entre 37 e 64 anos e responderam ao questionário com boa receptividade. A formação acadêmica dos 7 (sete) professores entrevistados é em Pedagogia, e 2 (dois) deles possuem especialização em Educação Especial e Psicopedagogia. Todos eles lecionam a disciplina de Arte uma vez por semana, como orientado e determinado pela LDB. Quando perguntados sobre o dia da semana e horário em que essa aula acontece, por unanimidade, responderam que as aulas de arte acontecem às sextas-feiras, após o recreio. Sobre o recebimento de material pedagógico voltado para a orientação e planejamento das aulas de Arte, todos responderam que receberam no início do ano o “Plano de Curso”, também chamado de “Mapa”, que foi disponibilizado pela Secretaria de Estado de Minas Gerais. Esse material está disponível no site da SEE/MG neste ano de 2023 e apresenta um quadro, dividido por disciplina, apresentando Unidade Temática, Habilidades, Objetos de conhecimento, Conteúdos relacionados e Orientações Pedagógicas, de acordo com os anos de escolaridade. Quando perguntados se conhecem as habilidades de Arte descritas na BNCC, todos responderam que sim, porém disseram em unanimidade que nunca receberam nenhuma orientação e ou capacitação específica sobre isso. Em uma vertente de possibilidade interdisciplinar,

foi perguntado se eles utilizam alguma linguagem artística ao ministrarem outros conteúdos e todos responderam que sim. Reconheceram e afirmaram a presença do desenho e da música em atividades diárias de Língua Portuguesa, Alfabetização, Geografia e Matemática. Sobre o recebimento e utilização do Livro Didático de Arte, 6 (seis) professores responderam que receberam os livros para uso pessoal e 1 (um) respondeu que não recebeu. Sobre a entrega dos livros para os alunos, 3 (três) professores que atuam nas turmas de 2º, 4º e 5º ano, responderam que os livros de arte foram entregues aos alunos e, 4 (quatro) professores responderam que os livros de artes das turmas que eles lecionam não foram entregues aos alunos e que os mesmos ficam na biblioteca. Quando questionados se os livros são utilizados pelo professor e pelos alunos, 6 (seis) professores responderam que os livros não são utilizados e 1 (um) professor respondeu que os alunos utilizam “as vezes”. Sobre o motivo de não usarem o livro didático, as respostas coletadas foram de que os livros didáticos de arte são “fora da realidade”, “conteúdo complexo” e “muito teórico”. Foi perguntado aos professores sobre a elaboração das aulas de arte, se eles têm preferência por alguma linguagem artística se sentindo mais confortáveis com alguma em específico, e de acordo com esse grupo de professores da Escola A, as atividades que são priorizadas no planejamento das aulas de arte são desenho livre, pintura, música, colagem, poesia e dobradura. Sobre a presença da Arte na escola em eventos ou a existência de projetos que vão além da sala de aula, os professores responderam, sem especificar, que existe o Projeto de Tempo Integral e que nele ocorrem atividades no âmbito artístico para as turmas que estudam nos dois turnos, e 1 (um) professor lembrou de um projeto ocorrido em 2022 no qual foi trabalhado o artista Ivan Cruz, que envolveu todos os anos de escolaridade com práticas de pintura em tela. Em relação à satisfação dos professores sobre o próprio desempenho como professor de arte, 5 (cinco) responderam que estão satisfeitos, 1 (um) respondeu que não está satisfeito e 1 (um) respondeu que poderia ser melhor. Os professores também responderam sobre o nível de interesse dos seus alunos nas aulas de arte e todos responderam que o nível é alto, com as justificativas de que “os alunos amam porque estão na fase das descobertas”, que nas aulas de arte eles “têm direito a expressividade e ao ensino com liberdade”, que é uma “aula fora da rotina de organização da sala”, “causa prazer” e que permite interação. O último item do instrumento perguntava a eles sobre o interesse em receber apoio

pedagógico, orientações e momentos de troca de experiências com outros docentes que lecionam arte e todos os 6 (seis) professores responderam que sim, que tem interesse.

A segunda escola a ser apresentada aqui será identificada como Escola B, também pertence à Rede Estadual de ensino. No dia da visita à escola, 27 de setembro de 2023, estavam presentes 06 (seis) professores atuantes no Ensino Fundamental I. Apenas 01 (um) se recusou a responder, o que não interferiu na coleta de dados que importa para as análises propostas na presente pesquisa. Sendo assim, os 05 (cinco) professores entrevistados são do sexo feminino e possuem idades entre 43 e 60 anos, e todas possuem formação acadêmica em Pedagogia. Em relação ao dia e horário em que lecionam a disciplina de Arte, por unanimidade a resposta foi: Às sextas-feiras, após o horário de recreio. Sobre o recebimento de material didático pedagógico no início do ano letivo para serem usados nos planejamentos das aulas, 4 (quatro) responderam que utilizam o “mapa”, que é uma espécie de plano de curso disponibilizado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, através de endereço eletrônico do governo, como descrito no parágrafo anterior. E 1 (uma) professora informou que cria e planeja suas aulas a partir de um livro didático do ano anterior como apoio de pesquisa e consulta. Quanto à proximidade e familiarização com as habilidades propostas de BNCC para o Ensino de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental, 4 (quatro) delas dizem conhecer as habilidades e 1 (uma) delas diz conhecer superficialmente. Todas as 5 (cinco) professoras alegaram nunca ter recebido uma capacitação ou orientação pedagógica específica sobre o assunto. Sobre a possibilidade interdisciplinar que consta no item 5 do documento semiestruturado utilizado na entrevista, disponível nos anexos desta pesquisa, foi perguntado se os professores utilizam alguma linguagem artística ao ministrarem outros conteúdos, e todos responderam que utilizam linguagens artísticas em outras áreas de conhecimento como: Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. As linguagens artísticas citadas foram: desenho e música. Em relação ao recebimento do Livro Didático, 2 (duas) professoras responderam que não receberam livros e 3 (três) informaram que receberam. Sobre a utilização desses livros por parte dos alunos, apenas 1 (uma) professora respondeu positivamente. As 4 (quatro) professoras restantes disseram

não utilizar o livro pois o consideram “em desacordo” com a sala de aula e com as aulas que planejam. As atividades das aulas de Arte priorizadas pelas professoras em suas aulas são desenho, pintura, colagem e música.

Além das aulas de Arte, a Escola B iniciou recentemente um Projeto Interdisciplinar que será mantido no calendário de atividades, em que a linguagem artística da dança é trabalhada de maneira prática, com apresentação de espetáculo. Esse projeto envolve toda a escola e seus segmentos, assim como todos os professores, de Arte e de outras áreas. As professoras foram perguntadas ainda, sobre o nível de satisfação pessoal em relação a lecionar Arte, e apenas 1 (uma) delas disse estar pouco satisfeita. Sobre o nível de interesse dos alunos pelas aulas de Arte, todas concordam que é alto e justificam o interesse dos alunos a partir dos seguintes argumentos: “sensação de liberdade causado pela Arte, maior interação com os colegas, é uma aula prazerosa, é leve e porque sai da rotina”. Perguntadas se teriam interesse em receber apoio pedagógico e troca de experiências com outros professores que ministram aula de arte, todas responderam positivamente.

A Escola C, visitada nos dias 2 (dois) e 6 (seis) de junho de 2023, pertence à Rede Estadual de ensino e, na oportunidade, foram ouvidos 14 (quatorze) professores. Dos quatorze professores, 12 (doze) são do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino, com idades entre 33 e 58 anos. Apenas um deles não quis revelar a idade, o que não gera impacto na análise de dados pretendida nesta pesquisa. Sobre a formação acadêmica, doze professores cursaram Pedagogia, um professor cursou Normal Superior e um professor cursou Pedagogia e Biblioteconomia. Em relação às aulas de Arte, a maioria (12 professores) responderam que acontece semanalmente às sextas-feiras após o recreio, e dois professores responderam que lecionam Arte às sextas-feiras no início da aula. Sobre o recebimento de material didático e pedagógico de utilização no planejamento das aulas, 12 (doze) professores informaram ter recebido o “mapa” impresso e o livro didático, e 2 (dois) professores responderam que não receberam nenhum material. Um deles alegou planejar suas aulas a partir de pesquisa pessoal em buscas pela internet. Quase todos os professores (13 de um total de 14) responderam que conhecem de forma básica as habilidades da BNCC destinadas ao ensino de Arte dos anos iniciais e que

nunca receberam orientação ou capacitação específica sobre isso. Apenas 1 (um) professor alegou não conhecer as habilidades da BNCC, nem de forma básica, informando que o foco de sua sala de aula, no caso uma turma de 2º ano de escolaridade, é a alfabetização e a matemática. Sobre trabalhar linguagens artísticas em outras áreas do conhecimento, os professores disseram que utilizam atividades de desenho, música, poesia, pintura, dobradura e dramatização. E, nesse caso, a disciplina que recebe estabelece maior parceria com a Arte, de acordo com esse grupo de professores, é a Língua Portuguesa.

Sobre os livros didáticos de Arte, os professores da Escola C, alegam que a escola recebeu os livros didáticos de Arte e que estes foram entregues aos alunos e professores, porém são pouco utilizados. Um professor informou ter usado apenas 1 (uma) vez e que não pretende utilizar mais. O restante dos professores justificou a não utilização dos livros a partir dos seguintes argumentos: “livro muito difícil”, “muito texto”, “muito filosófico”, “entediante”, “fora da realidade do aluno”, “muito texto e pouca prática”, “vago”, “muito teórico” e “não atende de forma satisfatória”. O próximo tema a ser abordado na conversa, de acordo com o documento de entrevista semiestruturada, é sobre as atividades que este grupo professores dá prioridade no momento de elaboração das suas aulas, e as respostas foram: atividades de colorir, confecção de objetos como fantoches de dedos e dobraduras, teatro, datas comemorativas, confecção de algum “produto”, desenho, recorte e colagem, música, pintura, ilustração de textos e poesias. Em relação aos eventos que proporcionaram atividades artísticas, que vão além da sala de aula, a Escola C, mantém um Projeto Institucional estruturado e contínuo com apresentações de dança de todas as turmas da escola, tendo todos os anos temas e abordagens diferentes.

Ao serem perguntados sobre a percepção pessoal de cada um deles, em relação ao nível de satisfação do trabalho desenvolvido por eles, 10 (dez) responderam que estão satisfeitos e 4 (quatro) responderam que não se sentem capacitados. Sobre o nível de interesse dos alunos para com as aulas de arte, todos responderam que seus alunos têm um alto interesse nas aulas e justificaram a partir das seguintes falas: “As aulas são lúdicas”, “oportunidade de expressão”, “aula prazerosa”, “gostam de desenhar”, “fora da rotina escolar”, “interação com os

colegas”, “amam levar algo para casa”, “gostam de trabalhos manuais” e “gostam de colorir bonito”. A última pergunta da conversa era sobre o interesse do grupo de professores em receber orientações pedagógicas e possíveis encontros com trocas de experiências sobre o Ensino de Arte e a resposta, por unanimidade, foi que sim, o grupo tem interesse.

A Escola D, visitada no dia 2 de junho de 2023, pertence à Rede Municipal de ensino e, na ocasião, foram ouvidos 08 (oito) professores, sendo 7 (sete) do sexo feminino e 1 (um) do sexo masculino, com idades entre 38 a 50 anos. A formação acadêmica desse grupo de professores é Pedagogia, sendo que um deles possui também o curso de Letras. Sobre o dia e horário em que lecionam a disciplina de Arte, dois responderam que ministram as aulas às quintas-feiras após o recreio, e seis professores responderam que as aulas acontecem às sextas-feiras também após o horário de recreio. Para o apoio pedagógico e orientação sobre as aulas de arte, o grupo de professores informou que receberam um planejamento de conteúdos fornecido pela Secretaria Municipal de Educação. Sobre as habilidades da BNCC previstas para suporte de conteúdo das aulas de Arte dos anos iniciais, 7 (sete) professores alegaram conhecer superficialmente e não ter recebido nenhuma orientação ou capacitação sobre isso. Apenas 1 (um) professor desse grupo alegou conhecer as habilidades e ter recebido capacitação. Na possível abordagem interdisciplinar na qual eles tinham que responder sobre a utilização de linguagens artísticas em outras áreas de conhecimento, eles alegaram utilizar recursos como desenhos, músicas e poesias nas aulas de Língua Portuguesa. Sobre as atividades artísticas que eles priorizam ao elaborarem suas aulas de arte, os professores informaram que as aulas se constituem a partir de atividades de dança, música, desenhos, massinhas, filmes, confecção de instrumentos musicais e pinturas.

Sobre o recebimento e utilização dos livros didáticos, ainda na Escola D, dois professores responderam que não receberam e que por isso não utilizam, quatro professores responderam que receberam os livros, mas não utilizam, e 2 (dois) professores disseram que receberam e que utilizam os livros. Ao serem perguntados sobre a existência de ações ou projetos dentro da escola que priorizem atividades artísticas, os professores informaram sobre o acontecimento de uma Mostra de Arte, ocorrida no ano anterior e que voltaria a acontecer no ano de 2023, em que os

alunos têm a oportunidade de estudar artistas e produzir obras de pinturas em telas. Em relação ao nível de satisfação pessoal por parte do grupo, sobre o desempenho como professores de Arte, 5 (cinco) professores responderam que o nível é bom e que estão satisfeitos. Dois professores disseram que sentem falta de conhecimento e que podem melhorar, e 1 (um) professor disse sentir que não realiza o trabalho como deveria, justificando que sente falta de formação de aptidão. Já sobre o nível de interesse dos alunos para com as aulas de arte, todos os professores responderam que é alto. Ao serem perguntados se gostariam de receber orientações e capacitações sobre o Ensino de Arte, todos os 8 (oito) professores da Escola D, responderam que têm interesse em aprender e também partilhar.

Ainda dentro da etapa de coleta de dados, no dia 06 de junho de 2023, foi realizada mais uma visita a uma escola da Rede Municipal de ensino, que será chamada aqui de “Escola E”. Importante detalhar que a Escola E oferece permanência de maneira integral com atividades extracurriculares como natação e robótica, por exemplo, porém essa carga horária não faz parte da Base Nacional Comum, que é o objeto desta pesquisa. Dessa forma, os dados coletados na Escola E se referem apenas às informações sobre o Ensino Fundamental regular. Sendo assim, nessa oportunidade foram ouvidos 5 (cinco) professores, sendo todas do sexo feminino, com idades entre 29 e 47 anos. Todas as cinco professoras são formadas em Pedagogia e uma delas possui também, uma segunda formação em Letras. Iniciando a conversa sobre os dias e horários em que ocorrem as aulas de Arte, 2 (duas) professores responderam que acontecem às sextas-feiras após o recreio, 2 (duas) professores responderam que lecionam Arte às quartas-feiras e 1 (uma) respondeu que ministra a aula de Arte às terças-feiras. Perguntadas sobre o recebimento de material pedagógico para utilização na elaboração do planejamento dessas aulas, 3 (três) responderam que receberam da Secretaria Municipal de Educação, um planejamento voltado para o professor, 1 (uma) respondeu que não recebeu nenhum material e 1 (uma) respondeu que todo o trabalho de planejamento das aulas de arte que ela ministra faz parte da sua imaginação.

Em relação ao conhecimento das habilidades da BNCC previstas para os anos iniciais do ensino fundamental, 3 (três) professoras disseram conhecer, mas informaram nunca ter recebido orientação específica sobre o assunto. As outras 2

(duas) professoras responderam que conhecem as habilidades e que já receberam orientações sobre. Sobre a possibilidade de utilizar linguagens artísticas em outros conteúdos e áreas de conhecimento, as professoras informaram que utilizam regularmente poesias, fotografias, dança, música e desenho em atividades de outros componentes curriculares, como Língua Portuguesa e Ciências. Sobre o recebimento de livros didáticos de Arte, as 5 (cinco) professoras responderam não ter recebido livros nem para o professor e nem para os alunos. Perguntadas sobre quais atividades elas priorizam ao elaborarem os planejamentos das aulas de arte, as respostas ficaram parecidas com foco em desenho, recorte, colagem e pintura. Sobre o fato da Escola E oferecer aos alunos ações ou projetos que englobam atividades artísticas, além da sala de aula e que estejam dentro do ensino regular da Base Nacional Comum, as professoras consideraram ações como festas juninas e datas comemorativas.

Sobre o nível de satisfação pessoal por parte das professoras da Escola E, em relação ao trabalho desenvolvido como professoras de Arte, 4 (quatro) responderam estarem satisfeitas e 1 (uma) respondeu não estar satisfeita por não ser capacitada na área. Quando perguntadas sobre o nível de interesse dos alunos pelas aulas de arte, todas as professoras responderam que é alto e na visão delas, isso acontece pelo fato de serem aulas com atividades manuais, criatividade e cooperação. Em relação a possibilidade de receberem orientações e capacitações que envolvem o ensino de arte, todas as professoras responderam positivamente.

Por fim, a última escola apresentada nesse trecho da pesquisa, será chamada de Escola F e pertence a Rede Municipal de ensino. Esta escola, no ano de 2023, ofereceu apenas o 4º e 5º ano de escolaridade do Ensino Fundamental devido ao processo de municipalização de escolas estaduais, proposto pelo Governo do Estado de Minas Gerais, conhecido como “Mãos dadas”, que será detalhadamente abordado nas análises feitas no próximo capítulo. Isso posto, a Escola F, passará a oferecer apenas a Educação Infantil assim que as turmas de Fundamental I passarem para o Fundamental II, que é cursado em outras escolas da cidade. A visita ocorreu no dia 12 de setembro de 2023 e foi possível conversar com as duas professoras atuantes nessas turmas. Ambas são do sexo feminino, com idades de 36 e 50 anos. A formação acadêmica das professoras é em Pedagogia e uma delas

possui uma segunda graduação em Letras. Sobre o dia e horário que acontecem as aulas de arte, as duas responderam que ocorrem às sextas-feiras após o período de recreio. Em relação ao recebimento de material de apoio didático para elaboração das aulas de arte, elas informaram ter recebido um planejamento anual fornecido pela Secretaria Municipal de Educação. As duas professoras alegaram conhecer as habilidades da BNCC de Arte para anos iniciais de forma superficial e informaram nunca terem recebido capacitação específica sobre isso. Ao serem perguntadas sobre a possibilidade de utilização de linguagens artísticas nas aulas de outras áreas do conhecimento, as professoras citaram possíveis interdisciplinaridade em Língua Portuguesa e História, utilizando ações de leitura de imagens e desenho. Sobre o recebimento e utilização do Livro Didático de Arte, as professoras da Escola F informaram que receberam e que não utilizam, alegando que são “fora do cognitivo dos alunos”. Para a elaboração dos planejamentos das aulas de arte ministradas por elas, informaram que priorizam atividades do campo de Artes Visuais, como desenho, pintura e colagem, visando à coordenação motora.

De acordo com o item 8 do roteiro semiestruturado, disponível nos anexos desta pesquisa, para a realização das entrevistas, foi perguntado às professoras da Escola F se existem ações e projetos permanentes na escola que proporcionam atividades artísticas e ambas responderam que os alunos frequentam um espaço organizado pela Prefeitura Municipal da cidade, onde acontecem aulas de música e dança. Porém, é importante ressaltar que essa é uma ação educativa extracurricular de iniciativa para permanência do aluno em tempo integral na escola, não fazendo parte do currículo regular de ensino, que é o objeto desta pesquisa.

As duas professoras entrevistadas na Escola F alegaram estarem satisfeitas com o desempenho como professoras de Arte, sendo que uma delas informa que o nível de interesse dos alunos é alto, pois as aulas encantam, e a outra informa que o nível de interesse dos seus alunos pelas aulas de Arte é médio, porque os alunos não se interessam e não dão a devida importância. Finalizando a conversa, as duas professoras responderam que têm interesse em receber orientações e participar de momentos de troca de experiências sobre o ensino de Arte.

Assim sendo, a partir do levantamento dos dados coletados nas escolas do município de Carangola, pertencentes às redes Estadual e Municipal e, por meio do detalhamento descritivo feito neste capítulo, a pesquisa segue para a parte de análise das informações obtidas. Análises essas, feitas em consonância com as referências bibliográficas utilizadas como âncoras de apoio, respeitando as diversidades que possam aparecer nos dados coletados, com a ciência de que a verdade absoluta não existe. Devemos considerar que a orientação e a legislação que envolve o ensino de Arte é primordial para a efetivação de aplicabilidade da disciplina dentro com currículo, porém considerando que particularidades de ações didáticas, de formação de professores e de clientela de alunos, assim como utilização de materiais, podem interferir diretamente no processo de ensino e aprendizagem em Arte.

4. ANÁLISE REFLEXIVA DE DIÁLOGOS DOCENTES

4.1 Demonstração de dados a partir de gráficos acompanhados de análises no âmbito da teoria e prática do ensino de Arte na cidade de Carangola.

A investigação feita é fundamentada pela percepção profissional da professora pesquisadora que realiza a presente pesquisa, no que diz respeito à trajetória escolar do aluno na disciplina Arte. Como atuante nos anos finais do ensino fundamental, foi percebida a falta de familiaridade com arte e cultura, por parte dos alunos que ingressam no 6º ano do ensino fundamental. Diante dessa sondagem pessoal e profissional da professora pesquisadora, torna-se necessário e coerente entender como vem sendo construído o processo de ensino e aprendizagem em arte nos anos iniciais. Saber se é necessário repensar o trabalho, entender e localizar o aluno em seu espaço social e desvendar se existem possíveis lacunas para que dessa forma o desenvolvimento e o conhecimento artístico e cultural aconteçam.

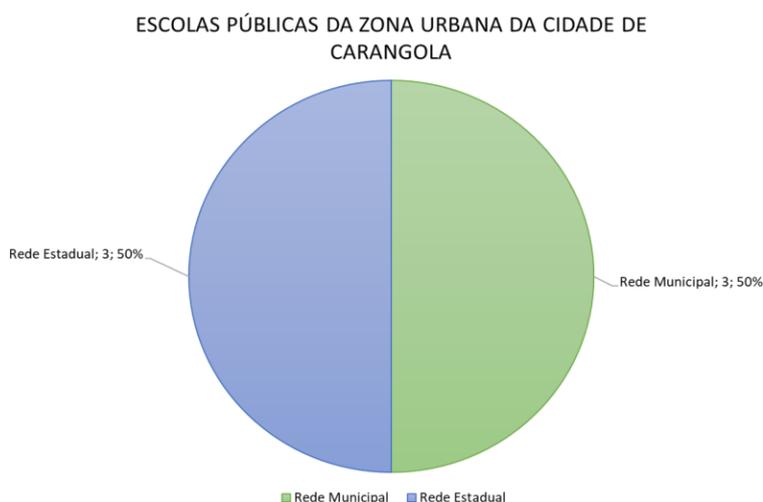
Ainda que ações do âmbito governamental da educação não correspondam com a realidade e o desejo escolar, o professor deve acreditar no poder que tem em mãos de fazer a engrenagem rodar, propiciando aos alunos uma aprendizagem significativa. Por outro lado, existe o aluno, carente de saberes culturais e expressivos que comunicam e dão oportunidade de descobertas de identidades, que veem e descobrem na arte possibilidades infinitas de existência. Professores, habilitados em arte ou não, estão dentro das salas de aula com a incumbência de lecionar arte, seja mediante de concurso público genérico seja através de contrato temporário de trabalho. Nos anos iniciais do ensino fundamental, na rede pública estadual de Minas Gerais e na rede pública municipal da cidade de Carangola/MG, a disciplina de arte é ministrada por profissionais formados em outras áreas de conhecimento. Esse fato pode acarretar em negligência das aulas de arte, como também em práticas exitosas, se levarmos em consideração o caráter pesquisador do professor que se interessa em arte, ainda que não seja habilitado. Porém, em contrapartida, a pesquisa se orienta em sondagem feita no desempenho de alunos que chegam aos anos finais do ensino fundamental, 6º ano de escolaridade, sem o conhecimento cultural e artístico que é previsto e orientado por intermédio da organização das habilidades pretendidas da Base Nacional Comum (MEC, 2017),

para a disciplina de arte. Sendo assim, o foco da pesquisa é atuar com investigação e auxílio na descoberta de práticas não exitosas, ainda que práticas bem-sucedidas possam ser constatadas e citadas aqui como exemplos positivos de ensino de arte. A realidade funcional de recrutamento e seleção dos profissionais da educação que atuam como professores de arte nos anos iniciais do ensino fundamental não será alterada por essa pesquisa, uma vez que essa dinâmica é atribuição dos órgãos públicos competentes. Também não será dada aqui ênfase sobre o certo ou errado que envolve essa dinâmica pois o foco da pesquisa é apresentar dados reais e auxiliar significativamente dentro de uma realidade existente, tornando possível caminhos mais coerentes e significativos no processo de ensino em arte. Somar ações e trocar experiências com os profissionais que estão lidando com a disciplina sem a formação específica, sem apontar culpados. Sendo assim, se constatado de fato possibilidades de aperfeiçoamento e mudanças na prática docente em relação à disciplina de arte, estas devem acontecer não só na atuação dos professores, mas também na organização das escolas, na postura da gestão dessa escola e também nas ações pedagógicas que são direcionadas e cobradas pelo profissional que atua na supervisão pedagógica escolar. Todos os profissionais envolvidos devem estar atentos aos novos rumos que envolvem a arte dentro da escola, para que haja conteúdo significativo que sejam compatíveis com a área de conhecimento. A cultura do enfeite, por exemplo, que coloca a arte apenas como decoração do ambiente escolar, atribuindo ao professor de arte a incumbência de destreza artesanal e reprodutora de estereótipos, precisa ser primeiro entendida de forma crítica, para depois ser combatida. E se, esse entendimento vier apenas da postura do professor sem o aval da gestão da escola, o que poderia ser um avanço de prática de arte-educação pode virar um grande conflito dentro da escola. Em relação ao compromisso e ao comportamento do professor de arte, ressalto ainda que este deve atuar em prol de uma pedagogia mais realista, que aproxime os alunos do legado cultural e artístico da humanidade, propiciando que eles tenham conhecimento dos aspectos mais significativos da nossa cultura, em suas diversas manifestações e assim sendo, construam suas próprias histórias, trilhem sua existência expressiva e se apropriem do processo criativo como uma ação construtiva.

Sendo assim, a partir das respostas coletadas e de sua exposição por meio de gráficos, iniciam-se as análises reflexivas, em que existem referências literárias de suporte como também pontuações pessoais da professora pesquisadora, levando em conta sua trajetória e experiência profissional, como também o desejo real de entender a anseio que motivou a pesquisa: entender como acontecem as aulas de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental, dentro da cidade de Carangola/MG.

4.2 Quantidade de escolas visitadas, números e dados dos professores participantes e formação acadêmica dos mesmos.

Gráfico 1 - Quantidade de escolas envolvidas.



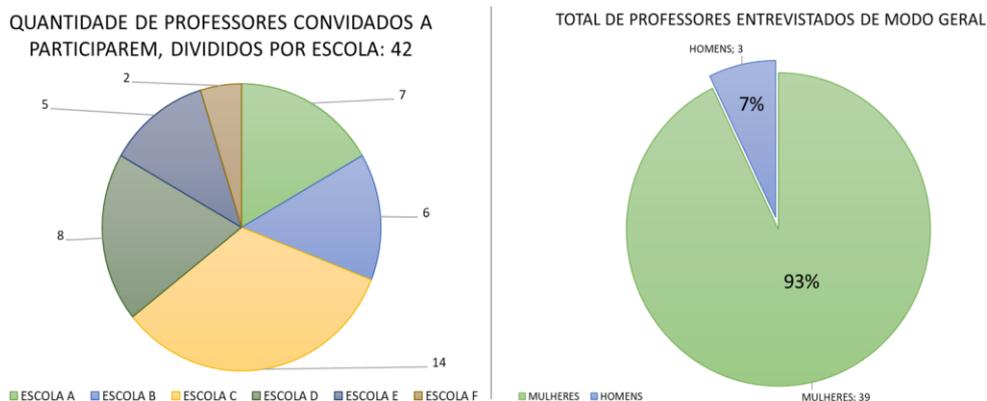
Fonte: A Autora, 2024.

O recorte estabelecido na pesquisa e evidente no título é novamente evidenciado aqui, de maneira que fique claro que as escolas participantes pertencem à zona urbana da cidade e são apenas as escolas que oferecem os anos iniciais do Ensino Fundamental. Sendo assim, no ano de 2023, o município de Carangola ofereceu matrícula para os anos iniciais do Ensino Fundamental em 6 (seis) escolas públicas, sendo 3 (três) da rede municipal de ensino e 3 (três) da rede estadual de ensino.

Importante retomar a informação contida no texto descritivo da Escola F, contido no capítulo anterior, onde existe a informação sobre o Projeto do Governo Estadual conhecido como “Mãos dadas”. A Escola F, no ano de 2023, oferecia apenas duas séries dos anos iniciais do ensino fundamental, respectivamente, 4º e 5º ano, pois estava passando pelo processo de municipalização. A previsão era oferecer, em 2024, apenas o 5º ano, para que em 2026 esteja completamente sob os cuidados do município, responsabilizando-se exclusivamente pela educação infantil.

O Projeto Mãos Dadas visa a criação do regime de colaboração entre o estado e os municípios de Minas Gerais, na organização do Sistema Público de Ensino, indo ao encontro do que prevê o artigo 211 da Constituição Federal. Segundo a Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional, os municípios deverão oferecer educação infantil em creches e pré escolas e com prioridade o Ensino Fundamental. O Projeto Mãos Dadas oferece apoio pedagógico técnico e financeiro para que os municípios ampliem o atendimento aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Uma das grandes oportunidades apresentadas pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) como parte do Projeto Mãos Dadas é a oferta de cursos de formação em universidades estaduais para os educadores dos municípios que aderirem à iniciativa. Dessa forma, esses profissionais terão ampliadas as suas possibilidades de atuação dentro da rede estadual de ensino ou rede municipal, caso optem pela adjunção. (MINAS GERAIS, 2024).

Conforme informações contidas no site do Governo de Minas Gerais, é possível que mais escolas passem por esse processo. Porém no caso específico da Escola F, os anos iniciais não deixam apenas de ser responsabilidade do estado e passa para o município: Curiosamente a Escola F deixa de oferecer o ensino fundamental gradativamente. Fato esse que não foi esclarecido durante a entrevista feita e que gera um outro anseio em saber que as escolas estaduais da cidade que ainda oferecem matrícula nos anos iniciais, possam vir a ficar superlotadas.

Gráfico 2 - Quantidade de professores entrevistados.

Fonte: A Autora, 2024.

O levantamento de dados aqui demonstrado que se torna objeto de análises a fim de constatar e ou questionar ações pedagógicas e de funcionamento estrutural sobre o ensino de Arte dentro da cidade de Carangola, contou com o envolvimento de 42 (quarenta e dois) professores devidamente contratados, de maneira efetiva ou não, no ano de 2023, pelas redes municipal e estadual de ensino. Das 6 (seis) escolas envolvidas, a Escola C é a que possui maior número de salas de aula, atendendo uma maior clientela, com um total de 14 (quatorze) professores distribuídos pelas séries de 1^o a 5^o ano de escolaridade. A escola com o menor número de professores é a Escola F, com apenas 2 (dois) profissionais no ano de 2023, devido ao processo de municipalização, detalhado no parágrafo anterior.

Dos 42 (quarenta e dois) professores entrevistados, apenas 3 (três) são do sexo masculino, o que pode evidenciar um caráter maternal para a profissão do magistério. Os cursos de licenciatura voltados para atuação de regência nos anos iniciais do ensino fundamental são frequentemente compostos, em sua maioria, por mulheres. Diferentemente da disciplina de Educação Física, por exemplo, em que foi constatado, em caráter apenas de demonstração, que das 6 (seis) escolas visitadas, apenas 2 (duas) possuem professoras de Educação Física. A presença masculina na área de conhecimento ligada ao esporte é maior dentro das escolas da cidade de Carangola.

Na página virtual do Governo Federal, foi publicada em 07/03/2023, uma reportagem que mostra levantamento feito pelo Censo Escolar 2022, evidenciando a presença feminina como maioria nos espaços escolares da educação básica, seja como professora seja em cargos de gestão.

O ensino básico brasileiro é realizado por mulheres, na sua maioria. Do corpo docente, composto por 2.315.616 profissionais, 1.834.295 (79,2%) são professoras. É o que revelam os dados do Censo Escolar 2022, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Na educação infantil, etapa em que se inicia a trajetória escolar regular, elas são praticamente a totalidade de quem educa: 97,2%, nas creches e 94,2%, na pré-escola. No ensino fundamental, as mulheres são 77,5% dos 1,4 milhão de docentes. E no médio, elas representam 57,5% do total de 545.974 em todo o país". *Assessoria de Comunicação Social do MEC, com informações do Inep e da Capes* Categoria Educação e Pesquisa. (BRASIL, 2024).

Segundo a reportagem, as mulheres também são a maioria entre os alunos dos cursos de licenciatura, o que pode justificar, nesse caso, a presença feminina significativa nos espaços escolares.

"A edição mais recente do Censo da Educação Superior (2021) mostra que as mulheres predominam entre os estudantes matriculados no ensino superior. Dos 8.987.120, 58,1% (5.249.275) são mulheres. Quando se observa especificamente as licenciaturas, 72,5% das matrículas são de mulheres. Elas também correspondem a 61% (809.196) dos 1.327.325 de concluintes, sendo a maioria em oito das dez áreas gerais de cursos". *Assessoria de Comunicação Social do MEC, com informações do Inep e da Capes* Categoria Educação e Pesquisa. (BRASIL, 2024).

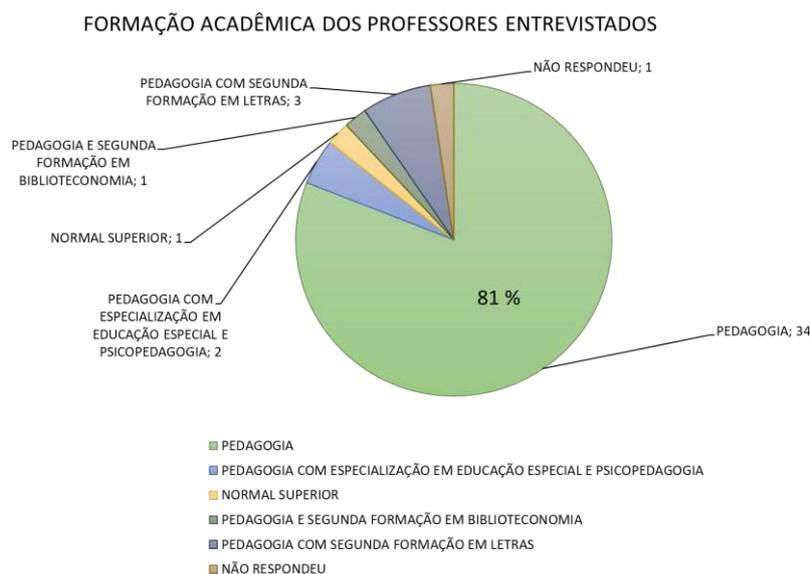
O mesmo não acontece quando o assunto é educação superior. Ainda que, segundo dados da Capes apresentados na reportagem, dos 405 mil estudantes de mestrado e doutorado no Brasil, 221 mil são mulheres, no ano de 2021, na docência superior, a maioria era do sexo masculino.

"Quando se olha para a docência na educação superior, os homens estão na frente. Eles são 167.384 (52,98%) do total de 315.928 professores dessa etapa". *Assessoria de Comunicação Social do MEC, com informações do Inep e da Capes* Categoria Educação e Pesquisa. (BRASIL, 2024).

Dessa forma, a matéria ressalta que as matrículas em cursos superiores de licenciatura são, em maioria, de mulheres. Logo, os profissionais formados são do sexo feminino. Isso explica a quantidade de professoras mulheres dentro das escolas, mas ainda não justifica o motivo de homens ainda não buscarem esse lugar no mercado de trabalho, pelo menos não na docência do ensino fundamental.

Curiosamente, ainda, segundo a matéria divulgada pelo site do Governo Federal, quando o assunto é docência superior, os homens são a maioria. Não se pode afirmar sobre diferenças de oportunidades nesse ponto, se considerarmos o ingresso na docência superior por meio de concurso público, mas cabe uma observação sobre os caminhos percorridos pela estudante, professora, mulher e muitas vezes, mãe, que não chega na docência superior por algum motivo.

Gráfico 3 - Formação acadêmica dos professores envolvidos.



Fonte: A Autora, 2024.

Evidenciado mediante o gráfico acima, o curso de Pedagogia representa 81% da formação dos professores envolvidos. A porcentagem pode ser justificada pelo interesse pessoal de cada profissional, como também pelo fato de o curso de Pedagogia oferecer opções que vão além da docência em sala de aula, como por exemplo, cargos de supervisão, orientação e supervisão escolar. No caso específico da cidade de Carangola, atribui-se ainda a relevância da presença de uma Universidade do Estado de Minas Gerais, onde o curso é oferecido por intermédio de ingresso pelo ENEM e também mediante concurso de vestibular próprio, da rede UEMG - Unidade Carangola. A Universidade oferece outros cursos de licenciatura, porém não contempla formação específica em Arte, estando esta, presente apenas como disciplina que compõe o curso de Pedagogia durante alguns períodos do curso. De acordo com informações contidas no endereço eletrônico da UEMG,

Unidade Carangola, o curso é oferecido na modalidade presencial com duração de 4 (quatro) anos, no turno noturno. De acordo com a descrição fornecida pela Universidade, o curso prepara o profissional para planejar, desenvolver e avaliar a docência em diferentes contextos educativos, escolares e não escolares, a fim de elaborar propostas educacionais consistentes e inovadoras, considerando as questões étnicas, sociais, de gênero e culturais.

Ainda sobre a estrutura do curso de Pedagogia, que é a formação com maior índice dos profissionais envolvidos nesta pesquisa, foi realizada uma busca no endereço eletrônico da UEMG Unidade Carangola, sobre as disciplinas obrigatórias oferecidas no decorrer do curso, assim como sua carga horária. Levantamento esse, a título de demonstração de estrutura curricular dos cursos de Pedagogia de modo geral, uma vez que não foi perguntado a esses professores se a formação dos mesmos foi exclusivamente nessa instituição de ensino.

Sendo assim, segue o demonstrativo das disciplinas obrigatórias ofertadas no curso de Pedagogia da UEMG - Unidade Carangola, de acordo com o Projeto Pedagógico do curso, aprovado pelo COOEPE em 26/05/2017, em Carangola MG 2017.

Tabela 1 - Quadro de disciplinas e cargas horárias ofertadas no curso de Pedagogia da UEMG - Unidade Carangola¹.

¹ Imagem produzida a partir da observação do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais. Disponível em < https://www.uemg.br/images/PPC_Pedagogia_Campanha_aprovado_coepe_27.10.16.pdf >. Acesso em 15 de outubro de 2023.

DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
SOCIOLOGIA / SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	120
FILOSOFIA / FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	105
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	60
ANTROPOLOGIA	30
LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO	60
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	60
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I E II	120
TECNOLOGIAS	45
METODOLOGIAS DE TRABALHOS ACADÊMICOS	30
PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA ED. INFANTIL	165
CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS DO E. FUNDAMENTAL	60
CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	60
TEORIA E PRÁTICA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL	90
ESTATÍSTICA APLICADA	60
PESQUISA EM EDUCAÇÃO	60
DIDÁTICA	165
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	120
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS	60
ORIENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	45
POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS / LEGISLAÇÃO	105
CORPO, MOVIMENTO E LUDICIDADE	60
GESTÃO EDUCACIONAL	90
DIREITOS HUMANOS, MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE	60
SEMINÁRIOS	30
ESTÁGIOS DIVERSOS (ED. INFANTIL, ANOS INICIAIS, ED. DO CAMPO E ED. ESPECIAL).	60
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS	60
EDUCAÇÃO DO CAMPO	75
METODOLOGIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA	75
METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	75
METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA	75
METODOLOGIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA	75
METODOLOGIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS	75
ARTE E EXPRESSÃO CULTURAL	45

A Autora, 2024.

O quadro demonstrativo acima, que relaciona as disciplinas do curso de Pedagogia, foi organizado pela professora pesquisadora e recebeu destaque na cor azul para os pontos que tratam do tema proposto nesta pesquisa, por terem relevância de informação nas análises que seguem a partir do exposto. Observando o quadro, o primeiro item destacado foi a disciplina chamada de Práticas Educativas para a Educação Infantil, com um total de 165 horas. Esse total de carga horária durante os 4 (quatro) anos de cursos se equivale apenas à disciplina de Didática, fundamental para a formação da docência. Voltando ao olhar para o caráter indicativo que a disciplina leva como, por exemplo, a especificação do termo educação infantil, é possível compreender o foco da formação do Pedagogo no nível de escolaridade que antecede os anos iniciais do ensino fundamental. Importante também para as colocações desta investigação, é que os professores universitários que lecionam as disciplinas de caráter artístico nos anos de 2023 e 2024, dentro do curso de Pedagogia da instituição citada, não possuíam formação em Arte.

A segunda disciplina e sua carga horária que recebe o destaque na cor azul e que também contribui para as reflexões propostas neste capítulo, é a disciplina que recebe o nome de “Corpo, Movimento e Ludicidade” e constitui em 60 horas de estudo dentro do curso. Em um primeiro momento, como professora de Arte, associei esse nome a algumas habilidades da BNCC de Arte, que tratam da linguagem artística do eixo Dança, porém ao ler a ementa da disciplina apresentada pela

Universidade, é possível entender o caráter psicomotor do universo da infância de modo geral, constatando assim, em uma carga horária de estudos no curso de Licenciatura em Pedagogia, voltada para a ludicidade e desenvolvimentos infantil, sem agregar Arte como área de conhecimento.

As abordagens interdisciplinares no campo da Ludicidade: psicomotricidade, epistemologia genética, a psicanálise, a ludoterapia e o ludodiagnóstico. O Brincar no cotidiano Escolar e o Discurso teórico, prático do lúdico em todas as disciplinas, como pilar de sustentação para o desenvolvimento infantil. O corpo em movimento e sua construção com a estrutura psíquica da criança. (UEMG, 2016).

Ainda de acordo com o quadro demonstrativo, a última disciplina destacada em azul pela professora pesquisadora, é a de nome Arte e Expressão Cultural, com carga horária de 45 horas durante o curso. Ao ler a ementa da disciplina disponível para consulta no endereço eletrônico da Universidade, no Projeto Pedagógico do Curso, página 88, é possível constatar que o objetivo é abordar a arte como manifestação de expressão e comunicação humana. Apresentar as manifestações artísticas como reflexo de valores e características sociocultural. Promover desenvolvimento da criança e da criatividade. Propor reflexões e criações a partir de linguagens artísticas: música, dança, artes plásticas, teatro e estática. Tratar da Arte na sala de aula e desenvolver projetos.

Considerando a Arte no âmbito escolar a partir de referências e normas orientadoras como a BNCC, por exemplo, a última disciplina destacada no quadro cumpre um papel importante e necessário na formação dos estudantes de pedagogia e futuros professores atuantes. Porém existem dois fatores explícitos e curiosos que nos levam a refletir sobre o espaço e a valorização da disciplina de Arte dentro de um curso de formação geral de professores. O primeiro ponto a ser observado gira em torno da nomenclatura escolhida para a disciplina em questão, pois se ela trata de uma área do conhecimento presente na Base Nacional Curricular Comum, por que não ser chamada de “Metodologia de Ensino de Arte”, uma vez que as outras disciplinas que tratam de outras áreas de conhecimento recebem esse detalhamento. Suavemente é dito que para o ensino de Arte não é necessário o domínio de metodologias. Para as disciplinas consideradas importantes e sérias, existe um caminho a seguir, um roteiro, um documento de compromisso e para a Arte, a reflexão, no uso raso da palavra, basta. Essa observação se torna uma

constatação quando a ementa da disciplina de “Metodologia do Ensino de História”, também disponível no mesmo material, precisamente na página 89, nos aponta dados de estudo com mais seriedade de apresentação e importância, incluindo, os princípios históricos, metodológicos e epistemológicos do processo de ensino-aprendizado em História. A estrutura legal da educação brasileira: PCN - História. Planejamento, execução e avaliação do ensino de História no ciclo inicial do ensino fundamental. O livro didático e o currículo como forma de imposição de uma ideologia de controle social. Atividades de Prática de Formação Docente.

Diante da comparação de nomenclatura e de profundidade de conteúdos que envolvem a Arte dentro da grade do curso de Pedagogia, que constitui na formação dos professores, cabe perceber ainda, de acordo com o quadro (Tabela 1), a carga horária da disciplina “Arte e Expressão Cultural”, que é de 45 h, quinze horas a menos que as disciplinas que ensinam metodologias de outras áreas do conhecimento. Essa diferença pode ser justificada pelo número de aulas que o professor irá ministrar nos anos iniciais, de acordo com a grade curricular, devido ao fato de a Arte ocupar apenas 1 hora/aula semanal. Porém essa informação não é clara e talvez nem tenha sido ainda questionada. O fato é que diante do histórico de lutas que envolve a existência e a resistência da disciplina, essa diferença de carga horária de estudo já presente na formação dos professores que irão atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pode acarretar em aulas superficiais lá na frente.

De acordo com Rejane G. Coutinho, em *Inquietações e Mudanças no Ensino de Arte*, página 155, as faculdades de educação e os cursos de Pedagogia não estão ainda preparados para responder satisfatoriamente à formação dos seus próprios educadores. As referências ao ensino de Arte nessas instituições são em geral de caráter modernista, fundamentadas em uma concepção psicológica, centradas no desenvolvimento da criatividade e da expressão pessoal do aluno. Afirma ainda que, são poucos os cursos de Pedagogia no Brasil que estão procurando sintonizar-se com as recentes propostas de ensino de Arte. Segundo Coutinho, em algumas Faculdades, a disciplina de Arte Educação já vem sendo oferecida a seus alunos como disciplina optativa.

Sendo assim, segue a análise reflexiva gerada a partir dos dados da formação acadêmica dos professores entrevistados, constatada como 81% em Pedagogia, e da carga horária de Arte estudada por esses profissionais no decorrer do curso. Entende-se, portanto, que os cursos de formação de professores que irão lecionar Arte, devem propiciar a seus alunos uma imersão na linguagem artística e ao mesmo tempo uma reflexão crítica e contextual das questões relativas aos conhecimentos que envolvem o processo. A Arte é área de conhecimento que deve ser tratada, assim desde o momento da formação de professores para que não haja dúvidas sobre sua relevância e importância na grade curricular. Nesse sentido, o aluno, futuro professor, deve ser estimulado, orientado e acompanhado em possíveis pesquisas e escritas sobre o ensino de Arte dentro da universidade, durante o seu processo de formação, para que a história e as metodologias desse ensino não sejam negligenciadas. Essa postura das Universidades para com a disciplina de Arte dentro dos cursos de formação de professores, em Pedagogia, por exemplo, oportuniza e torna cotidiana a interação com a Arte, por parte dos acadêmicos. Assim como também é importante a preocupação com a diversidade dos métodos de leitura e de interpretação dos objetos e textos artísticos.

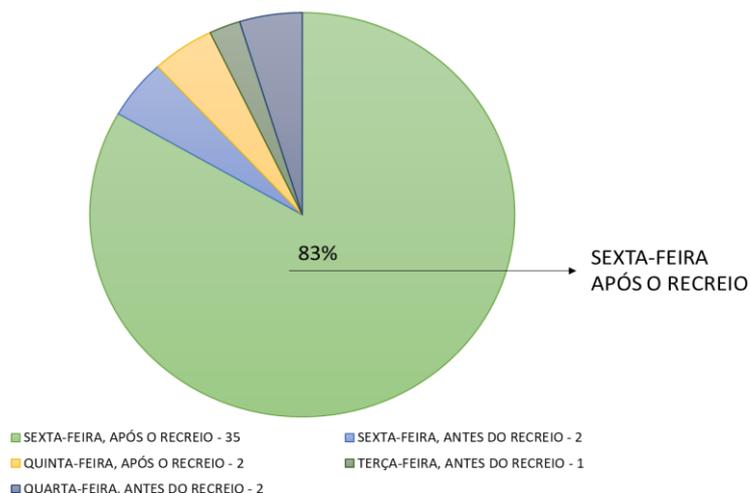
A possibilidade de comparação e avaliação entre as diferentes abordagens de leitura dará condições para que o futuro professor possa fazer escolhas mais coerentes e adaptadas aos contextos e às situações particulares. (COUTINHO, 2018)

Desse modo, este tópico que trata da formação acadêmica dos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental evidencia a alta porcentagem na formação geral de professores, como a escolha do curso de Pedagogia, por exemplo. Outro ponto a ser observado no gráfico 3, é que os professores que buscaram uma segunda formação ou ainda um curso de pós-graduação não teve interesse na formação de Arte. Conclui-se, portanto, que a atuação desse grupo de professores que leciona Arte, ainda que busquem orientações e caminhos possíveis, passa pela carência de formação específica, seja por meio de cursos livres, formação continuada ou capacitação.

4.3. O lugar da aula de Arte: dia e horário

Gráfico 4 - Dias e horários em que ocorrem as aulas de Arte no município de Carangola, MG.

DIAS E HORÁRIOS QUE OCORREM AS AULAS DE ARTE



Fonte: A Autora, 2024.

O gráfico acima apresenta a consolidação das respostas dos professores, sobre o item 2 do instrumento de entrevista semiestruturada. A pergunta parte do princípio de que todos os professores entrevistados entendem e cumprem a carga horária mínima prevista e exigida pela Legislação Educacional no nosso país, que no caso da disciplina de Arte, 1 hora/aula semanal. O foco do debate nesse ponto da pesquisa é a alta porcentagem de localização na grade de horários apontando a Arte para os dias de sextas-feiras, após o recreio, representando 83% das respostas. Em um primeiro momento, o dia e horário em que a disciplina aparece não define a qualidade dessa aula, tão pouco o caráter comprometedor do professor para com a disciplina. Não podemos simplesmente avaliar que o último horário de aula da semana seja o horário menos produtivo, mas podemos questionar o motivo pelo qual o ensino de Arte, que já tem uma carga horária pequena, seja deixado para o último compromisso da semana. Se pensarmos que ao longo da história da disciplina, ela já foi considerada como um “prêmio” de fuga das disciplinas sérias, ou ainda uma aula de livre expressão e até mesmo conhecida, em alguns casos, como “relaxante” e ainda “aula da bagunça”, podemos analisar reflexivamente que a alta porcentagem pode estar ligada a esse tipo de pensamento o qual ainda não foi superado dentro das escolas, infelizmente.

Por muito tempo, a escola apresentou a Arte simplesmente como um fazer movido pela espontaneidade, que não se fazia necessário o planejamento do professor, tão pouco sua reflexão, autoavaliação e mudança. Esse comportamento

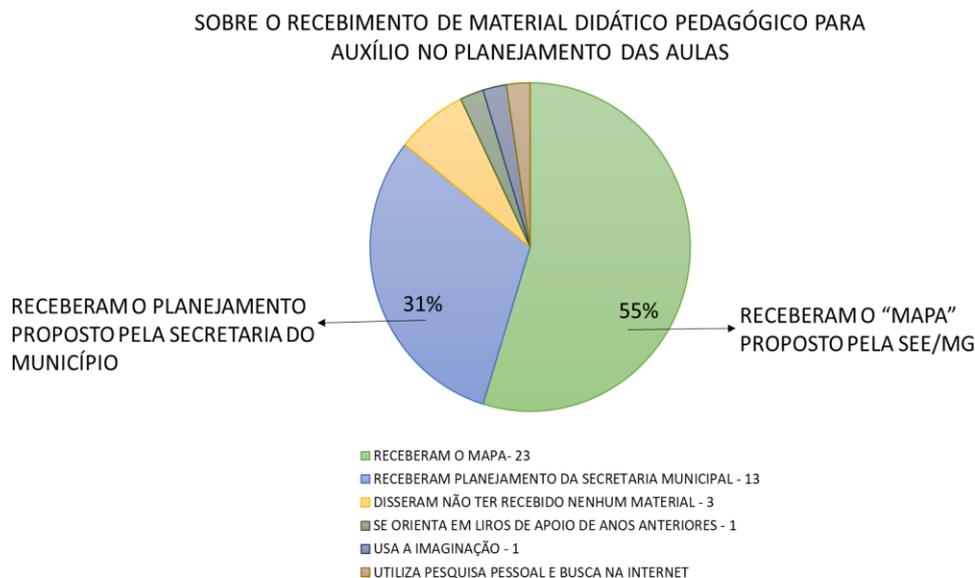
histórico que passa, ainda hoje, por algumas instituições, por alguns gestores e também professores, impacta na organização de horário das aulas de Arte, afinal, como foi dito, não podemos mensurar nesse gráfico a qualidade das aulas, mas podemos afirmar que foi a última escolha a ser feita. Sabemos também que qualquer trabalhador, seja professor ou não, incluindo nesse caso o alunado, sente um cansaço considerável ao final do último dia da semana de trabalho e ou estudo.

Consideramos ainda que disciplinas que hoje fazem parte do currículo nem sempre estiveram presentes e que até mesmo as disciplinas consideradas mais “sérias” já receberam tratamentos diferenciados e modificados ao longo dos tempos como disputas por espaço no currículo, horas de aulas e importância dentro da estrutura escolar, percebemos que esses fatores foram e ainda são motivos de conflitos seja na rede pública estadual, seja na municipal. O fato é que, nesse caso, de arranjo estrutural do horário das aulas, trata-se de uma decisão mais intimista organizada por cada uma das escolas visitadas durante a etapa de levantamento de dados. Sendo assim, o gráfico aponta diretamente para uma escolha pessoal do professor por deixar a Arte como a última atividade semanal, não levando em consideração os fatores cansaço, tão pouco a possibilidade de extrapolar o tempo para uma possível conclusão satisfatória de uma atividade, uma vez que não existe tempo a mais para isso.

Não foi solicitado a nenhum dos professores envolvidos o plano dessas aulas de sextas-feiras porque não é o objeto de estudo desta pesquisa questionar métodos e atividades propostas por eles, mas por outro lado, encontra-se neste gráfico uma das respostas que a presente pesquisa busca, que é sobre como vem acontecendo o ensino de arte nos anos iniciais do ensino fundamental dentro da cidade de Carangola. Considerando que os alunos desses professores que representam 83% do gráfico, seguirão seus estudos em outra escola, a partir do 6º ano, sem a garantia de que Arte seja a última aula do último dia da semana, já evidencia o primeiro estranhamento por parte dos alunos no 6º ano de escolaridade percebido pela professora pesquisadora.

4.4. Material de apoio utilizado na elaboração de planejamento das aulas de Arte

Gráfico 5 - Recebimento de Material de apoio por parte dos professores.



Fonte: A autora, 2024.

Nesse ponto da entrevista, o foco foi perceber qual material de apoio pedagógico vem sendo disponibilizado para os professores que, como já evidenciado, não possuem formação específica em Arte. A pergunta tem um caráter questionador sobre como esses professores vêm sendo acolhidos e orientados em possíveis anseios que possam surgir durante o processo. Os maiores índices apontam a utilização de dois materiais: 31% dos professores receberam um planejamento escolar fornecido pela SEMED, Secretaria Municipal de Educação de Carangola, que, segundo os professores, aponta as habilidades da BNCC, assim como sugere alternativas de atividades. O documento não foi disponibilizado para consulta e não consta acessível no endereço eletrônico da Secretaria; e 55% dos professores informaram seguir orientações do documento conhecido como “MAPA”, fornecido pela Secretaria de Estado da Educação e detalhado no capítulo 3, que também traz um quadro com as habilidades da BNCC e possíveis sugestões de atividades. Como o foco da pesquisa não é avaliar qualidade e nem complexidade dos materiais de apoio mencionados, cabe apenas salientar que os materiais citados são documentos impressos e entregues aos professores, não tendo características de treinamento, formação ou estudo de discussões.

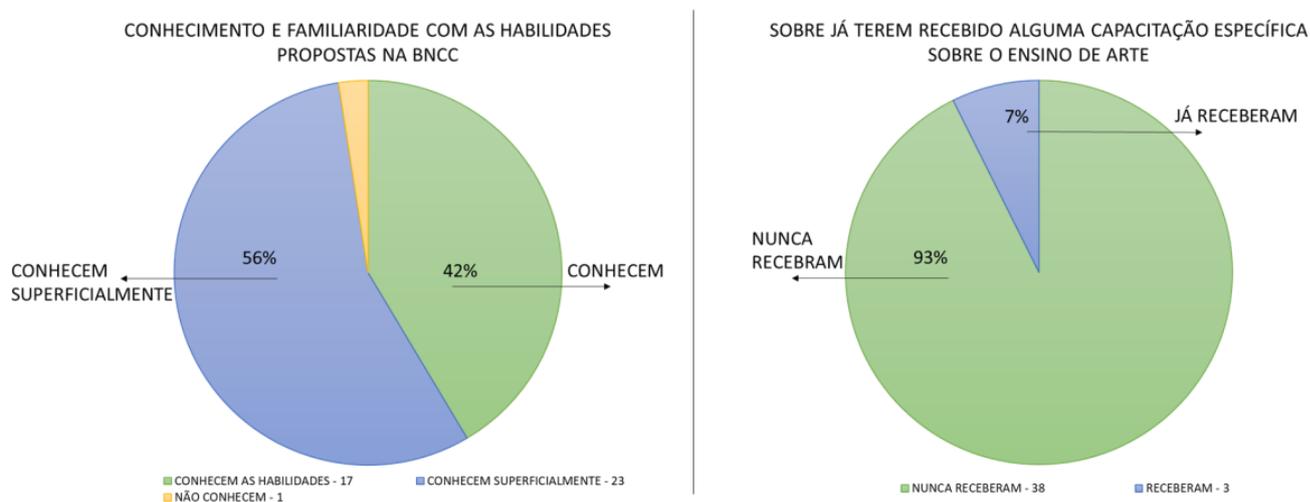
Ainda sobre o gráfico, voltando o olhar para as minorias, foi constatado a presença de 3 professores que alegaram não ter recebido nenhum material, o que

pode apontar para uma possível falha ou desorganização na entrega do suporte pedagógico e, de forma bem pequena, mas não menos importante e curioso, o fato de um professor ter respondido que o seu planejamento de Arte é fruto da sua imaginação. Nesse ponto é possível perceber que o ensino de Arte é visto como uma disciplina sem estudo, sem metodologias e sem a necessidade de busca do professor. A parte boa dessa observação é que essa resposta foi dada por apenas 1 (um) professor.

Concluo, neste ponto do levantamento feito pela pesquisa que, seja um planejamento complexo, detalhado, suficiente ou não, 86% dos professores têm ao que recorrerem, pois mais do que a preocupação com determinadas propostas ou métodos, é necessário que o professor atuante em Arte possa ir construindo sua atitude pedagógica sempre apoiado nos fundamentos teóricos e práticos da educação e da arte.

4.5 Habilidades da Base Nacional Comum Curricular e Capacitação

Gráfico 6 - Conhecimento das Habilidades da BNCC e Capacitação.



Fonte: A autora, 2024.

A Base Nacional Comum Curricular, implantada pelo Ministério da Educação em 2017, organiza e apresenta uma estrutura de conteúdo a serem seguidos pelo professor na intencionalidade de tornar o ensino o mais equivalente possível dentro do território nacional. Juntamente com a grade desses conteúdos, que são

apresentados separadamente por área de conhecimento, existem ainda, as habilidades previstas em cada etapa, que norteiam as possíveis atividades que devem ser desenvolvidas com os alunos nas diferentes etapas de ensino. Dessa forma o acesso, conhecimento e entendimento dessas habilidades constitui-se, no momento em que vivemos, um fator essencial para o trabalho da docência. A BNCC, como é popularmente conhecida, é referência a ser seguida na elaboração de aulas e criação de projetos dentro das escolas, sendo sugerida e até mesmo imposta pelas organizações de gestão escolar, na figura dos Especialistas da Educação Básica (supervisores escolares), Analistas Educacionais e Inspetores Escolares.

Portanto, devido à importância atual desse documento orientador, nesse ponto da entrevista, as perguntas foram sobre o conhecimento das Habilidades da BNCC de Arte, e também sobre já ter ou não recebido alguma capacitação específica sobre o assunto. O gráfico 6, evidencia, à esquerda, as respostas coletadas para a primeira pergunta que foi sobre o conhecimento dessas habilidades. A maioria dos professores envolvidos na pesquisa, informou conhecer as habilidades da BNCC de forma superficial, representando 56%. Os professores que informaram conhecer as habilidades de forma satisfatória representam 42%, de acordo com o gráfico. E apenas 1 (um) professor, do grupo de professores entrevistados, informou não conhecer as habilidades propostas pela BNCC.

Ainda no gráfico 6, ao lado direito, é possível perceber as respostas dadas em relação ao recebimento de capacitação específica sobre o ensino de Arte e as habilidades da BNCC de Arte. Nesse ponto é claramente perceptível, mais uma vez, a carência de formação continuada, grupos de estudos e recebimento de orientações sobre a Arte na sala de aula, uma vez que 93% dos professores alegaram nunca ter recebido ou participado desse tipo de ação.

4.6 Linguagens Artísticas presentes em aulas de outras disciplinas.

Levando em consideração o caráter expressivo da disciplina de Arte, é possível constatar a sua presença em aulas de outras áreas do conhecimento, pois

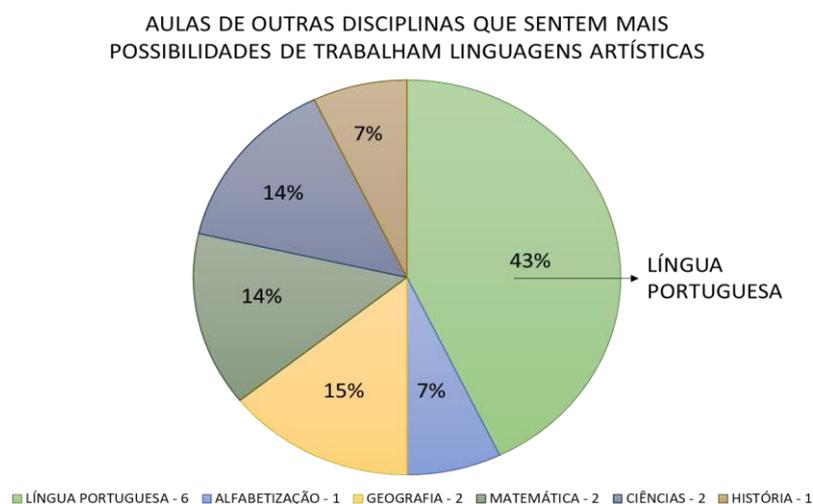
entende-se que Arte é inerente ao ser humano. Nós comunicamos com o corpo, com o canto, com imagens e com diversas outras manifestações que pertencem ao universo das linguagens artísticas. Em “Teoria e Prática do Ensino da Arte”, é possível perceber que a comunicação entre as pessoas e as leituras de mundo não se dá apenas por meio da palavra.

“Muito do que sabemos sobre o pensamento e o sentimento das mais diversas pessoas, povos, países, épocas são conhecimentos que obtivemos única e exclusivamente por meio de suas músicas, teatro, poesia, pintura, dança, cinema etc.”. (MARTINS, MIRIAN CELESTE, 2009).

Portanto é possível e necessário que seja evidenciado a presença da Arte dentro de conteúdos de outras disciplinas, não como uma “bengala” de apoio, mas como um caminho construtivo e agregador de conhecimento. Pois a Arte é importante na escola principalmente, porque é importante fora dela. E ainda segundo Martins (2009), por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a Arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

Diante do exposto, foi perguntado aos professores se eles identificam linguagens artísticas sendo trabalhadas por eles dentro de outras disciplinas e se sim, quais disciplinas são mais abertas a esse tipo de parceria.

Gráfico 7 - Arte presente em outras disciplinas.



Fonte: A autora, 2024.

De acordo com o grupo de professores entrevistados, e evidenciado pelo gráfico 7, que a área de conhecimento na qual eles percebem claramente a existências de linguagens artísticas sendo trabalhadas é a Língua Portuguesa, representando 43% das respostas. Em seguida aparece a disciplina de Geografia com 15%, seguida das disciplinas de Ciências e Matemática com 14% cada. Em parcela bem menor, foi constatada nesse grupo, a existência de linguagens artísticas dentro dos ensinamentos de História e no processo de alfabetização, representando 7% cada uma delas. Voltando o nosso olhar para a disciplina que representa a maior parte do gráfico, é possível perceber o caráter de linguagem que a Arte possui, deixando à mostra o seu lugar na construção da comunicação humana de diferentes formas.

Ainda nesse ponto da conversa, foi perguntado aos professores quais linguagens artísticas eles identificam como atividades trabalhadas dentro das disciplinas elencadas por eles. O desenho e a música foram os mais citados, e alguns professores também citaram a poesia como uma linguagem artística presente nas aulas de outras disciplinas. A maneira como o desenho, a música e a poesia são abordados, de acordo com os professores, é de forma a complementar atividades conteudistas através de ilustrações da matéria ou da poesia e músicas temáticas do conteúdo da matéria em questão. Não é possível analisar efetivamente essas atividades como boas ou ruins, muito menos como corretas ou incorretas. O que nos deixa refletir é que talvez outras linguagens sejam sim trabalhadas, mas possivelmente não são lembradas ou percebidas pelos professores como linguagens artísticas, como a leitura de imagens, por exemplo. Essa possível falta de percepção foi notada na clara insegurança que alguns dos professores tiveram em responder essa pergunta. Observo assim, mais uma vez, que a falta de capacitação ou orientação sobre o ensino de Arte e conhecimento de suas linguagens gera impacto em como o professor que não tem formação específica, lida com a Arte dentro da sala de aula.

Outro ponto a ser observado é que as disciplinas que representam 15% e 14% respectivamente no gráfico, são disciplinas que conversam muito bem com a Arte. Muitas escolas brasileiras já divulgaram a nível nacional, projetos e iniciativas (inclusive premiadas por diversos programas de incentivo educacional), de Geografia

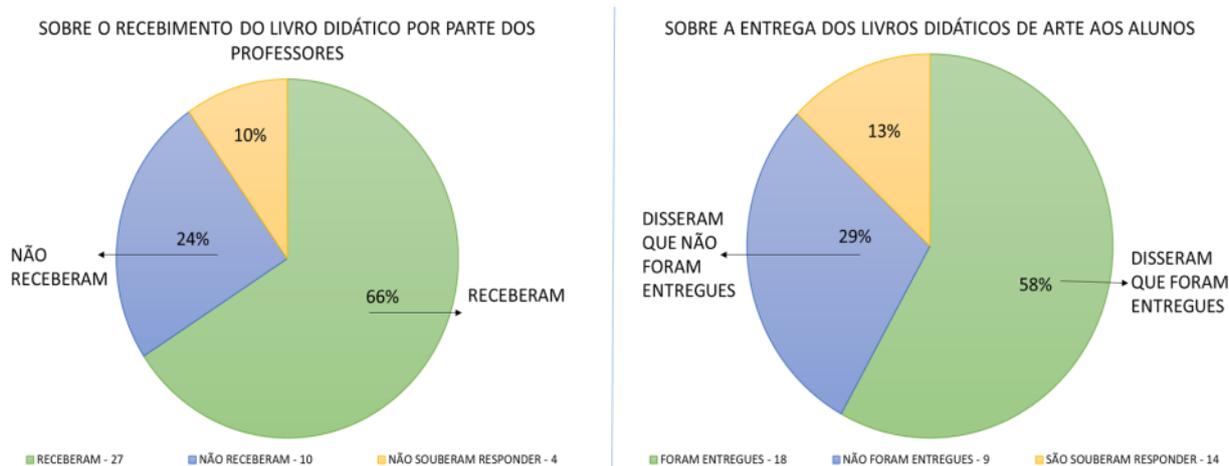
com Arte, Matemática com Arte, Ciências com Arte e assim por diante. Não que seja uma regra estabelecer a presença de linguagens artísticas dentro do ensino de outras áreas como essas citadas, mas diante da grande diferença de percentual da primeira disciplina apontada, Língua Portuguesa, para as outras três disciplinas citadas nesse parágrafo, cabe entender se realmente essas disciplinas não vêm conversando com a Arte ou se os professores não conseguiram identificar a presença dessas conversas. A história da Arte ajuda as crianças a entenderem algo do lugar e o tempo nos quais as obras de arte são situadas. Nenhuma forma de arte existe no vácuo: parte do significado de que qualquer obra depende do entendimento de seu contexto. Sendo assim, as linguagens artísticas como possibilidades educativas estão presentes em todas as áreas do conhecimento, ainda que em pequenas ou maiores proporções.

4.7 O livro didático de Arte

Até aqui já reconhecemos que a escola é um espaço permeado por práticas expressivas com linguagens artísticas. Linguagens essas que são instrumentos de comunicação da criança sobre o mundo e no fazer pedagógico do educador. Sendo assim, compreendemos que os professores, para atender às demandas dessa comunicação do mundo com os seus alunos, fazem uso das linguagens artísticas voltadas para os seus objetivos em sala de aula. Essa intencionalidade do professor passa pela utilização de recursos pedagógicos disponíveis e acessados por ele, tanto no ato do seu planejamento como no cotidiano de suas aulas. Nesse ponto então, trataremos exclusivamente da utilização do Livro Didático como um desses recursos pedagógicos disponíveis, afirmando o seu caráter não só conteudista, mas também de banco de imagens artísticas, fundamentais para o ensino de arte.

Para tanto, em continuidade à entrevista, chegamos ao item 6, no qual foi perguntado aos professores se eles receberam e se utilizam o livro didático de Arte nas suas aulas e, as respostas recebidas seguem nos gráficos abaixo.

Gráfico 8 - Recebimento do Livro Didático de Arte.



Fonte: A autora, 2024.

De acordo com o levantamento de dados explicitados pelos gráficos acima, tanto professores quanto alunos, em sua maioria, receberam o livro didático de Arte. Ainda que 24% dos professores alegam não terem recebido esses livros e 29% alegam que os livros didáticos não estão em posse dos alunos, a maioria consiste em um número considerável de respostas que apontam para existência desse suporte pedagógico dentro das escolas. Em conversa com pessoas responsáveis pela gestão dessas escolas, recebi a informação de que todas receberam livros didáticos de Arte. Portanto, questões como ausência de momentos de planejamento dentro da escola sob coordenação do supervisor pedagógico ou ainda questões burocráticas como materiais empilhados em bibliotecas aguardando organização e distribuição podem ser as responsáveis pelo número de professores e de alunos que não tiveram contato ainda com esses livros ou não souberam responder. Partindo das análises já feitas até o momento e da afirmação da importância da presença de Arte dentro das escolas como área de conhecimento, o livro se torna um instrumento de utilização fundamental para direcionamento, consultas, pesquisas e aprofundamento de saberes artísticos, além de se constituir em um material rico de possibilidade de expansão cultural e visual dos alunos da cidade em que a pesquisa foi desenvolvida.

Barbosa (2019) ao tratar da importância das imagens de arte na educação, afirma que o resgate do conhecimento de arte pode ocorrer por intermédio do contato e do diálogo das crianças com as imagens. A imagem significa algo a ser lido e que pode ser levado às salas de aula para que as crianças possam estabelecer uma alfabetização visual e estética. Abordar arte sem que se ponha à

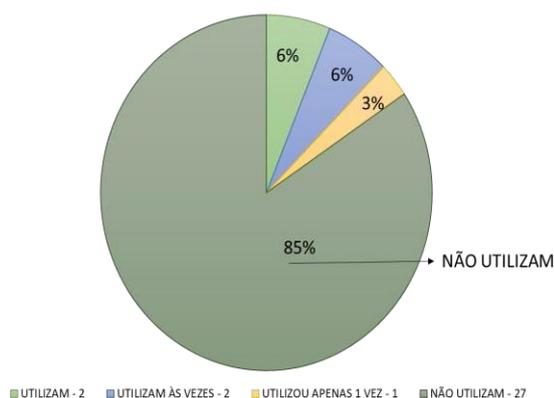
disposição das crianças a imagem, é como querer alfabetizar para a leitura e a escrita sem colocar a criança em contato com livros.

A afirmação de Barbosa vem de encontro com as possibilidades educativas existentes no local da pesquisa: uma cidade do interior de Minas Gerais, com aproximadamente 30 mil habitantes. As imagens das quais Barbosa orienta são imagens reais, muitas vezes, inacessíveis no contexto geográfico desta pesquisa, uma vez que não existem, até o momento, museus ou casas de culturas que possuem ou expõem acervos de obras de arte na cidade. Dessa forma, o contato visual com produções artísticas no âmbito histórico e das artes visuais é feito informalmente pela mídia televisiva e também pelo acesso à rede de internet e, no caso escolar, através do livro didático de Arte. Retomo, ainda nesse momento, o texto do capítulo 2, que afirma sobre a importância de se levar obras de arte para a sala de aula para que sejam analisadas e lidas como textos visuais. Essa leitura será sempre enriquecida pela informação do contexto histórico e social da imagem ou manifestação artística apresentada. Portanto, para a sala de aula, a imagem é tudo, e nas aulas de arte as imagens e as demais linguagens artísticas expressivas funcionam como impulso ao processo criativo e chegam, não exclusivamente, mas garantidamente, por meio dos livros didáticos.

Concluo dentro desse item, então, que os livros didáticos, seja em sala de aula seja dentro das bibliotecas, estão presentes nas escolas da cidade de Carangola. O próximo caminho a ser investigado é o de utilização desses livros e sua eficácia pedagógica, na opinião do grupo de professores entrevistados, conforme mostra o gráfico 9, logo abaixo.

Gráfico 9 - Utilização do Livro Didático de Arte.

SOBRE A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE ARTE EM SALA DE AULA



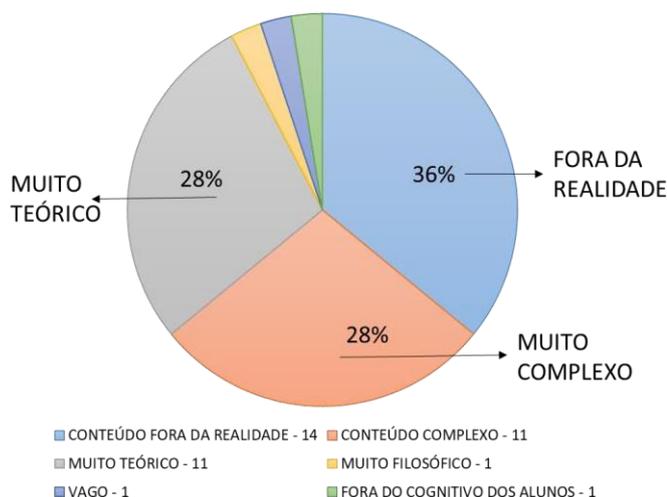
Fonte: A autora, 2024.

Levando em consideração a importância do Livro didático de Arte exposta no decorrer deste capítulo, o gráfico acima evidencia que as aulas de Arte ministradas na rede pública de ensino da cidade de Carangola passam por um cenário de carência de utilização desse recurso. Ainda que os livros estejam presentes nas escolas, eles não vêm sendo utilizados como apoio pedagógico, tão pouco como caminhos de construção do conhecimento artístico. Constata-se, portanto, que 85% dos professores entrevistados não utilizam o livro didático de Arte em suas aulas.

Dando continuidade a esse ponto da entrevista, foi perguntado aos professores os motivos pelos quais eles optaram pela não utilização dos livros e as respostas variaram no modo de abordagem da descrição, mas se assemelham no que diz respeito ao caráter negativo, como podemos constatar no próximo gráfico.

Gráfico 10 - Motivos de não utilização do Livro Didático de Arte.

MOTIVOS DO ALTO ÍNDICE DE NÃO UTILIZAÇÃO DO LIVRO,
SEGUNDO OS PROFESSORES ENTREVISTADOS



Fonte: A autora, 2024.

É possível perceber diante do gráfico 10 que os motivos pelos quais os professores não utilizam o livro passam por falas de insatisfação sobre a organização dos conteúdos dos mesmos. Todos os professores entrevistados listaram apenas pontos negativos sobre o livro didático de Arte presente nas escolas, sendo 36% respondido que eles são fora da realidade, 28% alegando que o livro é muito complexo e outros 28% dizendo que é muito teórico. As respostas dadas para justificar a não utilização dos livros, lamentavelmente podem refletir uma ausência de conhecimento e de familiaridade com os conteúdos e propostas do ensino de Arte contemporâneo. Pois se os livros didáticos passam pela seleção do Plano Nacional do Livro Didático - PNLD significa que, automaticamente estão em acordo com as habilidades da BNCC, assim como organizados por ano de escolaridade e, sendo assim, ficamos sem entendimento sobre em qual momento eles possam vir a serem considerados complexos, teóricos ou até mesmo fora da realidade.

Observamos assim que as respostas coletadas nesse ponto da conversa elevam a discussão sobre a utilização do livro didático de Arte para um nível mais complexo, como o questionamento dessa realidade citada pelos professores. Os livros didáticos de Arte disponíveis nas escolas envolvidas nesta pesquisa, no ano de 2023, são muito teóricos em relação a quê? Estão fora de qual realidade? São

muito complexos para os alunos e também para os professores? Analisando ainda o gráfico, percebemos que 1 (um) professor respondeu que o livro didático de Arte não é utilizado em sua aula por ser um material fora do cognitivo dos alunos. Essa resposta, ainda que represente o mínimo deste levantamento, vem de encontro com as respostas de maior coro, porque de forma clara, expõe um pensamento de que o ensino de Arte não deve ser complexo e nem com discussões profundas, gerando uma ideia de que a superficialidade é a maneira ideal para a consolidação desse ensino.

Nesse contexto, conclui-se que se o livro de Arte propõe leituras, teorias, pensamentos filosóficos, senso crítico e não apenas propostas de atividades manuais, logo pode ser entendido como algo fora da realidade, de acordo com o grupo de professores entrevistados. Realidade essa que pode fazer parte do imaginário de professores que lecionam Arte sem conhecer o processo histórico da disciplina, enxergando-a apenas como uma área de atividade prática manual, por exemplo.

4.8 Seleção de atividades para as aulas de Arte e atividades artísticas extra classe

Uma vez que já foi constatada a não utilização do Livro Didático de Arte na maioria das aulas da rede pública da cidade de Carangola, conforme entrevista realizada com os professores, é necessário conhecer como ocorre então, o processo de planejamento e seleção de conteúdo das aulas de Arte ministradas. Sendo assim, foi perguntado aos professores quais atividades e conteúdos artísticos eles dão prioridade ao elaborarem as suas aulas.

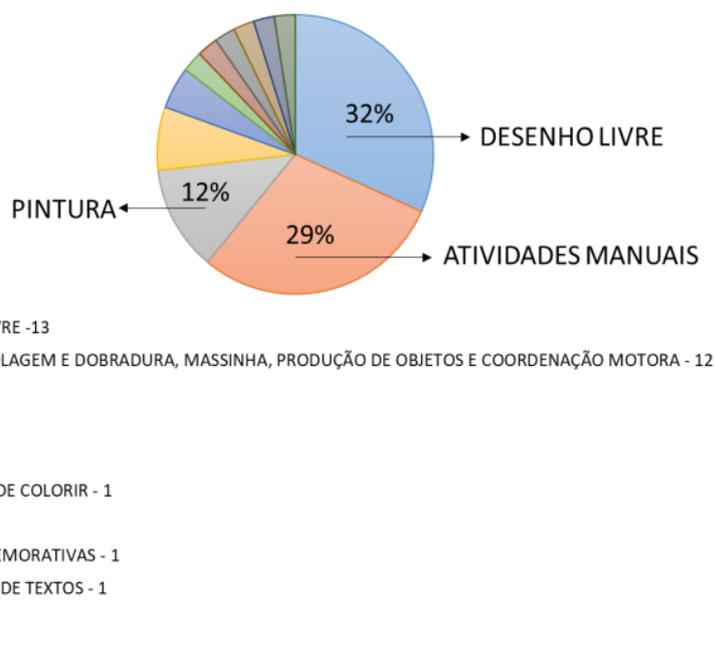
As respostas recebidas nesse ponto da entrevista, apontam que as atividades mais desenvolvidas durante as aulas desses professores, pertencem ao universo das Artes Visuais. Esse cenário de inclinação para uma das quatro linguagens artísticas é comum dentro das escolas, pois a previsão de uma atuação polivalente do professor de Arte é uma pseudo-realidade idealizada pela Legislação Educacional vigente em nosso país. O domínio de todas as linguagens artísticas, por

parte do professor, a ponto de ensiná-las, não se faz possível visto que já na sua formação em Arte, terá escolhido um caminho próprio de acordo com sua área de interesse ou aptidão, podendo ser música, dança, artes cênicas ou artes visuais. Assim sendo, ainda que, de acordo com as propostas de trabalho da BNCC, as quatro linguagens artísticas estejam presentes no planejamento anual, a carga horária trabalhada para cada uma dessas linguagens dentro das aulas, segue o perfil e domínio do professor, ainda que não oficialmente. Se temos dentro de uma escola, um professor habilitado em música, é bem provável que teremos alunos capazes de tocar instrumentos musicais e entender conteúdos sonoros mais complexos, por exemplo.

Nesse caso, estamos analisando professores de anos iniciais, sem a formação específica em Arte, que lecionam o conteúdo no Ensino Fundamental I e que são autônomos e capazes de conhecer e selecionar conteúdo para a elaboração de seus planejamentos e sua rotina de sala de aula. Sendo assim, segue o gráfico 11, em que constatamos os índices de atividades priorizadas por eles.

Gráfico 11 - Atividades mais trabalhadas nas aulas de Arte.

ATIVIDADES QUE SÃO PRIORIZADAS NA ELABORAÇÃO DOS PLANOS DE AULAS DE ARTE DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS



Fonte: A autora, 2024.

Como é possível constatar, dos 42 (quarenta e dois) professores envolvidos, apenas 3 (três) disseram incluir música nas suas aulas de arte, seguido de 1 (um)

que respondeu incluir dança e outro disse trabalhar teatro. As atividades escolhidas pela maioria dos professores, são do âmbito das artes visuais, tendo sido as mais citadas desenho livre representando 32% das respostas, atividades que envolvem práticas manuais com 29% e atividades de pintura com 12%.

O desenho, atividade de maior escolha pelos professores, além de fazer parte do desenvolvimento infantil, é atribuição principal de várias profissões, artísticas ou não. A importância do ato de desenhar na infância e na vida adulta é percebida ao longo da história não só da Arte, como da humanidade. Os primeiros registros culturais produzidos pelo homem em forma de comunicação são os desenhos rupestres, feitos nas cavernas pré-históricas. Imagens de animais e rituais de caça, que interpretam o mundo material e mental dos homens e, chama a nossa atenção pela qualidade artística.

Esse pensamento serve para entendermos que o desenho é uma atividade consciente, ainda que estejamos falando de crianças e ainda que essas atividades aconteçam de forma livre. A liberdade dessa expressão artística sempre será carregada de memórias e também de estímulos. Sendo assim, de maneira pedagógica, as atividades de desenho estão relacionadas a aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. O olhar e o traço de cada aluno estão impregnados com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias e interpretações.

Diante do exposto, entendo que o percentual de professores que responderam utilizar o desenho livre como recurso altamente presente em suas aulas, devem ter o entendimento da sua própria importância como mediador dessa atividade, pois a composição visual é livre do ponto de vista estético, estrutural e em seu caráter interpretativo, mas pode ser instigada, problematizada e principalmente, mediada, em seu caráter de conhecimento de mundo. Outro ponto a ser considerado é sobre o produto final, que nesse caso, são os desenhos dos alunos. É preciso fugir da ideia de que as imagens nos comunicam de forma direta sem a necessidade de uma análise como discursos visuais. O professor que opta em utilizar o recurso do desenho em sua sala de aula, deve elencar as etapas desse processo, desde a proposta inicial com estímulos e problematizações, até o resultado final, orientando e

percebendo a capacidade comunicativa dos seus alunos a partir de outros meios que não seja o verbal.

Ainda sobre o desenho, é importante que na escolha desse recurso enquanto atividade das aulas de arte, os professores considerem suas mais variadas formas de acontecimento, e não apenas a convencional. De acordo com Edith Derdyk, o desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica, é um instrumento de conhecimento, possuindo grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão e suas manifestações não se restringem somente ao uso do lápis e papel. O desenho pode manifestar-se, não só através das marcas gráficas depositadas no papel (ponto, linha, textura, mancha), mas também por meio de sinais como um risco no muro, uma impressão digital, a impressão da mão numa superfície mineral, incluindo a famosa pegada do homem na Lua etc.

Existem os desenhos criados e projetados pelo homem, existem os sinais evidenciando a passagem do homem, mas também existem as inscrições, desenhos vivos da natureza: a nervura das plantas, as rugas do rosto, as configurações das galáxias, a disposição das conchas na praia. Estes exemplos nos fazem pensar a respeito das ideias que se têm do desenho, ampliando suas possibilidades materiais de realização. (DERDYK, 2020).

Geralmente entendemos o desenho apenas como "coisa de lápis e papel" e para que essa concepção seja ampliada, é preciso que os professores façam mediações no universo das memórias individuais e coletivas dos seus alunos, criando conexões e sentidos. Assim, estaremos revitalizando conceitos e investigando as várias formas de atividades em que o desenho se manifesta. Por intermédio de uma compreensão global de sua história, perceberemos uma carga de significação mais ampla do que um simples manejo de lápis sobre um papel em branco se constitui em mais um recurso pedagógico para atividades de desenho em sala de aula.

O segundo indicativo mais apontado pelo grupo de professores como presente assiduamente em suas aulas, são as atividades que envolvem a produção manual. Elas foram descritas como recortes, colagens, dobraduras, manipulação de massinhas e produção de objetos como dedoches e outros. De início é importante considerar nesse ponto, a existência do caráter criativo da disciplina de Arte, associado ao fazer artístico. Na Proposta Triangular, Ana Mae, apresenta o ver, o

fazer e o contextualizar e, a partir dessa proposta, conteúdos artísticos vêm sendo adaptados pedagogicamente pelos professores no ato de criação de projetos escolares e de seus respectivos planejamentos e planos de aula, levando em consideração essas três etapas. O ponto a ser questionado no percentual de 29% das atividades serem destinadas à parte prática é saber se as outras etapas, como o ver e o contextualizar, estão presentes ou esquecidas. Sabemos que as atividades práticas propostas em um livro didático de Arte são acrescidas de textos visuais e verbais, assim como estímulos cognitivos acerca da produção prática e, sendo assim, o professor exerce a mediação desse processo, de forma a não negligenciar nenhuma das etapas. Porém sabemos aqui, que o grupo de professores envolvidos nesta pesquisa, não utiliza o Livro de Arte, o que nos leva a pensar que é possível que a produção manual aplicada como atividade na sala de aula desses professores, esteja carente de saberes e contextos, podendo estar caindo na livre demanda de objetos não artísticos reproduzidos e copiados repetidamente. Essa observação não representa uma verdade sobre esse fato, mas vai ao encontro das respostas dadas anteriormente pelos professores no que diz respeito aos motivos pelos quais não utilizam os livros didáticos, com alegações de serem muito teóricos e complexos, por exemplo. O mesmo pode estar acontecendo com a prática de pintura, que representa no gráfico 12% das atividades ministradas pelos professores envolvidos na pesquisa.

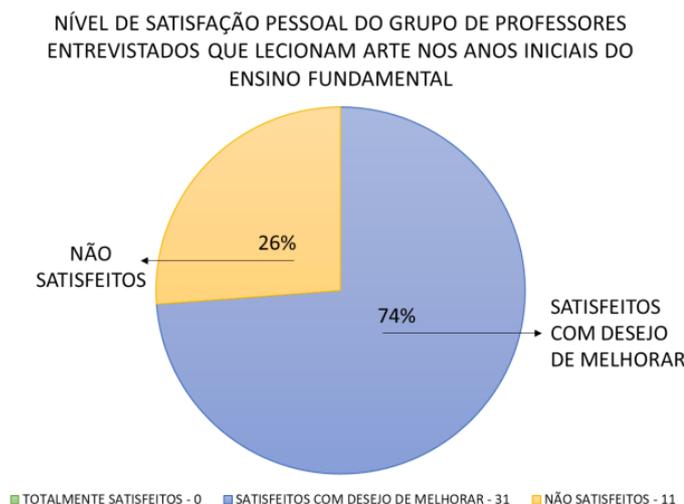
Sobre o fato de existirem atividades artísticas que vão além da sala de aula, como projetos ou ações, que oportunizam seus alunos a terem contato com linguagens artísticas, as respostas foram: As Escolas A e E não possuem projeto permanente sobre alguma linguagem artística específica, mas consideram os trabalhos desenvolvidos a partir de datas comemorativas como iniciativas que agregam artística e culturalmente, citando como exemplo as festas juninas. As Escolas B e C possuem como trabalho anual, dentro do seu Projeto Pedagógico, apresentações de espetáculos de dança, com temas que mudam a cada ano, com a participação de todos os alunos e professores. A Escola D tem em seu calendário pedagógico uma mostra de Arte, no qual são expostos os trabalhos dos alunos, partindo de um artista de referência. E, por último, a Escola F informou que os alunos frequentam uma vez por semana um espaço social organizado pela

Prefeitura da cidade, destinado a oficinas socioeducativas, como aulas de dança ministradas por monitores. No caso da Escola F, cabe ressaltar que a ação não é uma ação pedagógica de iniciativa e participação dos professores regentes.

4.9. Aulas De Arte: Satisfação Pessoal do professor e interesse dos alunos

Diante de vários dados coletados que envolvem a prática da sala de aula de Arte na cidade de Carangola, cabe saber também, qual o nível de satisfação pessoal desses professores em ministrarem o conteúdo e como se sentem fazendo parte do processo de arte e de educação, assim como o nível de interesse dos seus alunos por essas aulas e seus motivos.

Gráfico 12 - Satisfação pessoal dos professores.



Fonte: A autora, 2024.

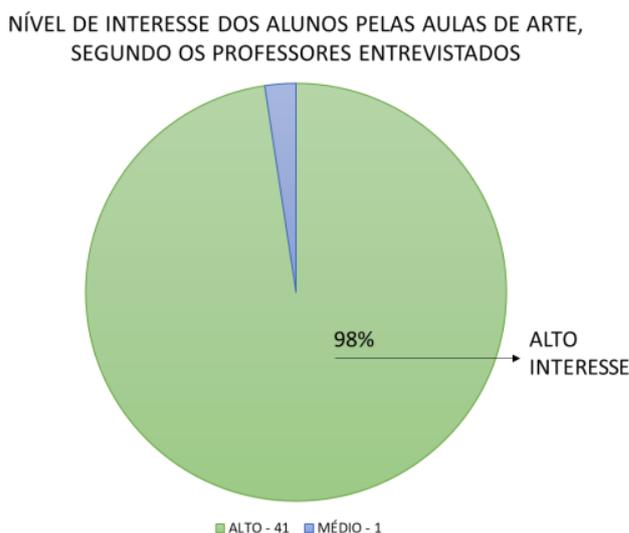
De acordo com as respostas, 26% dos professores não estão satisfeitos com a sua atuação como professores de Arte. Isso não significa que estão desanimados ou se sentem incapazes, pelo contrário, durante as conversas ficou claro o desejo por parte deles em conhecer e entender mais sobre o ensino de Arte. O mesmo acontece com os professores que representam o percentual de 74%, que se dizem satisfeitos com sua atuação, alegam que buscam conhecimento, mas expressam desejo de melhoria. A disponibilidade encontrada aqui por parte dos professores evidencia o caráter contínuo de estudo que existe em todas as profissões, principalmente, do magistério. Todos os professores entrevistados, incluindo a

professora pesquisadora, entendem que só é possível uma educação de qualidade e efetiva, mediante digna e completa formação de professores que passa não só pela graduação, mas pelas oportunidades diversas de conhecimento e atualização profissional. Ferraz e Fusari (2010) afirmam que o compromisso de saber Arte e de saber ser professor de Arte deve passar por uma atuação pedagógica comprometida, aproximando os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade e permitindo que tanto alunos quanto professores, tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações.

E, para que isso ocorra efetivamente, é preciso aprofundar estudos e evoluir no saber estético e artístico. Os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saibam arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional. (FERRAZ E FUSARI, 2010)

Uma vez constatado o desejo de formação continuada dos professores envolvidos, passamos pela sondagem de nível de interesse dos alunos pelas aulas de Arte que são oferecidas a eles, segundo os seus professores.

Gráfico 13 - Interesse dos alunos pelas aulas de Arte.



Fonte: A autora, 2024.

De acordo com o gráfico acima, 14,98% dos alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade de Carangola possuem um alto interesse pelas aulas de Arte oferecidas a eles. Os professores justificaram o alto índice de interesse dos alunos pelas aulas de Arte por meio das seguintes argumentações: as aulas possuem mais expressividade, maior liberdade, são aulas fora da rotina, são prazerosas, têm

interação com os colegas, os alunos gostam de desenhar, os alunos gostam de trabalhos manuais e que os alunos gostam de colorir.

Em nenhuma das justificativas, dadas pelos professores, apareceu a observação sobre o aprendizado dos alunos, como oportunidade de conhecimento. Ainda assim podemos pensar que essas aulas em questão, podem ser prazerosas e expressivas, como também transformadoras, educativas e curiosas. A parte de construção de conhecimento pode estar presente nessas aulas, mas não foi lembrada nesse momento. O professor deve saber que é um dos responsáveis pelo caráter transformador da disciplina, ajudando os seus alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes não só práticos como também teóricos em Arte. Encontrar uma maneira de organizar uma prática docente que contribua para a construção de conhecimento é um desafio para professores comprometidos em conseguir escolas de melhor qualidade para toda a população.

Finalizando a conversa com os professores, foi perguntado a eles, se gostariam de receber apoio pedagógico, orientações e momentos de troca de experiências com outros docentes que lecionam Arte e a resposta foi unânime: todos têm interesse em aprender como partilhar saberes. A disposição apresentada aqui por parte dos professores evidencia a importância do tema da pesquisa e a relevância da sua divulgação dentro do meio educacional da cidade, porque vai ao encontro dos anseios dos profissionais propondo não só a demonstração de dados, mas também os questionando e propondo momentos de estudo e replanejamento, se for o caso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomo aqui a temática desenvolvida pela pesquisa, que trata do ensino de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública da cidade de Carangola. Cidade essa, localizada na Zona da Mata Mineira, tendo aproximadamente 30 mil habitantes, com o envolvimento de 6 (seis) escolas e um total de 42 (quarenta e dois) professores. A pesquisa foi referenciada por literatura específica e legislação educacional que orienta e afirma o ensino de Arte em nosso país. A pesquisa se justifica em conhecer e refletir as ações educacionais de colegas professores que lecionam Arte, como também e principalmente refletir sobre o papel da própria professora pesquisadora, que segue em busca de discussões significativas e relevantes para a prática docente em Arte. Para tanto, buscou-se uma metodologia que passou por revisão bibliográfica que embasa e acompanha as observações feitas, acrescida de pesquisa de campo feita por intermédio de entrevistas semiestruturadas com os professores da rede pública da cidade. O objetivo é trazer para o cenário educacional da cidade, análises e reflexões sobre caminhos e alternativas possíveis e agregadoras, estimulando um constante crescimento da qualidade do ensino e aprendizagem em Arte, assim como publicitar os dados coletados aos órgãos competentes como Secretaria Municipal de Educação de Carangola e a Superintendência Regional de Ensino de Carangola. Os dados levantados aqui foram pontos de referência da pesquisa, mas principalmente, são agora, pontos de partida para que as discussões propostas não se findem, pelo contrário, que encham docentes e gestores de vontade na realização de um ensino de arte significativo e de importância social e criativa.

Retomando a hipótese de trabalho, que trata de como o ensino de arte acontece nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na rede pública da cidade de Carangola, os resultados alcançados mostram situações reais de aplicabilidade desse ensino, de acordo com respostas fornecidas pelos docentes responsáveis por esse nível de escolaridade dentro das salas de aulas. Sendo assim, considerando a maior porcentagem em todas as questões levantadas, conclui-se que o cenário de ensino desse contexto, é composto por professores em sua maioria mulheres, com formação em Pedagogia. Nenhum desses professores possuem especialização ou

segunda formação em Arte. No ano de 2023, os professores receberam material teórico de apoio para auxílio na elaboração das aulas, que são próprios de acordo com as redes em que trabalham, estadual ou municipal. Ainda assim, nunca receberam capacitação específica sobre Arte ou sobre o ensino de Arte, e informam conhecerem as Habilidades de Arte propostas na BNCC, de maneira superficial. Ainda sobre material de uso e apoio na elaboração das aulas, as escolas receberam Livros Didáticos de Arte destinados a professores e alunos, porém os livros não são utilizados. A maioria dos professores optou em não aderir ao livro em sala de aula e não houve relatos de imposição ou questionamento sobre isso por parte da gestão das escolas, evidenciando assim, a livre escolha do professor. Os motivos pelos quais os professores não veem o livro como um recurso didático possível foram expostos com pontuações negativas sobre os conteúdos e organização das atividades propostas que, segundo eles, não estão de acordo com o tipo de ensino que são propostos em suas aulas. Sobre os conteúdos e dias em que acontecem essas aulas, a pesquisa apurou que as atividades propostas pelos professores pertencem à linguagem de Artes Visuais, não tendo relatos de número considerável sobre as outras linguagens artísticas propostas na BNCC que devem ser trabalhadas ao longo do ano letivo. Constatou-se ainda que dentro das atividades de Artes Visuais ministradas, as de maior aplicabilidade são as que propõem o desenho de forma livre e as que envolvem práticas de habilidades manuais. Registra-se ainda, por unanimidade, que as aulas de Arte dos anos iniciais do Ensino Fundamental da cidade de Carangola, acontecem nos dias de sextas-feiras, após o horário de recreio. Essa organização de dia e horário das aulas é de autonomia do professor que por algum motivo, escolheu lecionar a componente curricular Arte no último horário do último dia de aula da semana. Não se pode afirmar nesse ponto que a escolha do dia e do horário faz dessa aula um momento de aprendizagem insuficiente ou carente, mas pode-se investigar, o motivo pelo qual a Arte se torna a última escolha por parte dos professores no momento de organizar os seus horários.

Ainda, de acordo com o levantamento de dados da pesquisa, os alunos têm alto interesse pelas aulas de Arte, se mostrando sempre dispostos e interessados, ressaltando o caráter de interatividade, expressividade e criatividade contidos na disciplina. Em relação aos professores regentes, a maioria se mostrou satisfeita com

o seu desempenho enquanto professor da disciplina de Arte nos anos iniciais, mas ainda assim, todos sem exceção, afirmaram o desejo em receber apoio pedagógico por meio de propostas de capacitação e momentos de troca de experiências com outros docentes que lecionam Arte.

Contudo, a pesquisa aponta para uma possibilidade de formação de grupo de estudos por parte dos professores, que pode e deve ser proposta pelos órgãos responsáveis competentes como a Secretaria Municipal de Educação de Carangola e Superintendência Regional de Ensino de Carangola, tendo em vista alinhar práticas de ensino do componente curricular Arte, de acordo com a legislação educacional vigente, que podem acontecer através do oferecimento de capacitações. Estudos sobre as Habilidades da BNCC, assim como a aplicabilidade das quatro linguagens artísticas em sala de aula e o uso do Livro Didático de Arte em sala de aula, se mostram de extrema importância dentro da rede pública dessa cidade para que a qualidade do ensino sejam garantidas e acompanhem as atualizações da disciplina como área de conhecimento e não só como atividade de prática manual. Os professores regentes se mostram abertos a esse tipo de interação, o que facilita todo o processo de formação continuada, que é uma das características marcantes da profissão do magistério, pois preparando-se continuamente e tendo domínio da sua área, irão detectar os conteúdos fundamentais de arte que contribuem para a formação de seus alunos.

A pesquisa deixa em aberto, ainda, que as discussões propostas aqui, possam abranger espaços maiores, como investigar as aulas de Arte dos outros municípios de responsabilidade da Superintendência Regional de Ensino de Carangola, trazendo um levantamento de dados da região, para que haja uma proposta de intervenção por setores, caso seja necessário.

Concluo como professora, que existem lacunas no processo de ensino de arte enquanto linguagem potente de ensino e de área do conhecimento, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na localidade e rede pesquisada. Lacunas estas que dificultam o processo e a continuidade do conteúdo de arte nos anos finais do Ensino Fundamental, a partir das referências de habilidades e conteúdo definidos pela orientação educacional vigente. Como professora dos anos finais do Ensino Fundamental, percebo e faço ajustes no planejamento que deveria ser sequencial, mas que, por hora, exige retomadas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Arnaldo; BRITO, Sérgio; FROMER, Marcelo. **Comida**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/titas/91453/>>. Acesso em 13 de dez. 2023.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>>. Acesso em 12 de out. 2023.
- BUORO, Anamélia Bueno. **Ensino de Arte: contribuições semióticas**. REAMD, v. 5, n. 1, p. 156 - 174, ISSN 2594-4630, fev. – maio 2021.
- COUTINHO, Rejane G. **A formação de professores de arte**. (in): BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino de Arte*. 2018.
- COUTINHO, Rejane G. **A imagem no ensino de arte**. São Paulo. Editora Perspectiva, 2019.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 3 São Paulo: Panda Educação, 2020.
- DEWEY, John. **Experiência e Educação**. São Paulo. Editora Nacional, 1979.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. e FUSARI, Maria F. de Rezende. 2001. **Metodologia do Ensino de Arte**.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. e FUSARI, Maria F. de Rezende. 2010. **Arte na Educação Escolar**.
- FERREIRA, Andreia Pires. **Reflexões sobre o Ensino de Arte em turmas 1º e 2º anos do ensino fundamental** / Macapá, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Macapá, Curso de Licenciatura em Pedagogia (EaD) - Polo Oiapoque, 2022.
- GLOBERY Gonçalves Bruce, Corina Fátima Costa Vasconcelos, Jadson Justi y María das Graças Pereira Soares (2019): **“O ensino da arte como construção do conhecimento de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental”**, Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo (septiembre 2019). En línea: <https://www.eumed.net/rev/atlante/2019/09/ensino-arte-conhecimento.html>
- LIVRO DIDÁTICO 1: **o ensino de artes e educação física na infância - 3ª Edição**/ Gilvânia Maurício Dias Pontes, Natal. Paidéa, 2010.
- MARTINS, M. C. F. D. (2011). **Arte, só na aula de arte?** *Educação*, 34(3).
- MARTINS, Mirian Celeste. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo: volume único: livro do professor** / Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque, M. Terezinha Telles Guerra. - 1. ed. São Paulo. FTD, 2009.
- MINAS GERAIS. **Principais Ações, Programas e Projetos**. Disponível em: <<https://www.educacao.mg.gov.br/a-secretaria/principais-programas-e-projetos/>>. Acesso em 16 de jan. 2024.
- NAGHETTINI, Sérgio. **Ensino e aprendizagem de arte em escolas rurais: a poética intercultural de práticas educacionais**. Escola e Arte, processos de criação artística. Coleção Prof-Artes. UDESC, Cultura Acadêmica, 2020.
- OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Fronteiras e alteridade: olhares sobre as artes na contemporaneidade** / organizadores, Maurilio Andrade Rocha, José Afonso Medeiros Souza. – Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA, 2014.
- SILVA, Tatiane Pereira. 2021, Trabalho de Conclusão de Curso, UERS. **Ensino de Arte: Um estudo sobre o perfil dos profissionais da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, atuantes em escolas públicas municipais**

de São Luiz Gonzaga - RS.

UEMG. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia.** Disponível em:

<https://www.uemg.br/images/PPC_Pedagogia_Campanha_aprovado_coepe_27.10.16.pdf>. Acesso em 15 de out. 2023.

UEMG. Universidade do Estado de Minas Gerais – **Pedagogia.** Disponível em:<<https://uemg.br/graduacao/cursos2/course/pedagogia>>. Acesso em 12 de out. 2023.

ANEXOS

ANEXO I

Autorização da esfera municipal



Carangola, 09 de março de 2023

À Secretaria Municipal de Educação de Carangola,

Eu, FABIOLA GARCIA DE OLIVEIRA, professora de Arte da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais e aluna devidamente matriculada na Universidade Federal de Minas - UFMG, no programa de Mestrado Profissional ProfArtes, solicito ciência e concordância para a realização de pesquisa intitulada "O Ensino de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública da cidade de Carangola".

O desenvolvimento da pesquisa prevê visitas às escolas da cidade que atendem o Ensino Fundamental I, assim como conversas e entrevistas com diretores, supervisores e professores que atuam neste segmento. Tais ações visam agregar meus conhecimentos no âmbito da pesquisa assim como promover a democratização e valorização do ensino de arte dentro do município.

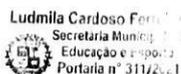
Fabiola Garcia de Oliveira

Fabiola Garcia de Oliveira

Ciente e autorizado:

Ludmila

Secretária Municipal de Educação



ANEXO II

Autorização da esfera estadual



Carangola, 09 de março de 2023

À Superintendência Regional de Ensino de Carangola,

Eu, FABIOLA GARCIA DE OLIVEIRA, professora de Arte da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais e aluna devidamente matriculada na Universidade Federal de Minas - UFMG, no programa de Mestrado Profissional ProfArtes, solicito ciência e concordância para a realização de pesquisa intitulada "O Ensino de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública da cidade de Carangola".

O desenvolvimento da pesquisa prevê visitas às escolas da cidade que atendem o Ensino Fundamental I, assim como conversas e entrevistas com diretores, supervisores e professores que atuam neste segmento. Tais ações visam agregar meus conhecimentos no âmbito da pesquisa assim como promover a democratização e valorização do ensino de arte dentro do município.

Fabiola Garcia de Oliveira

Fabiola Garcia de Oliveira

Ciente e autorizado: Betty Giovannoni Oliveira
Superintendente Regional de Ensino de Carangola

Betty Giovannoni Oliveira
MASP 390.426-5

Superintendente Regional
de Ensino de Carangola

ANEXO III

Instrumento de entrevista semiestruturada



INSTRUMENTO DE ENTREVISTA AO DOCENTE DE ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE CARANGOLA

Finalidade: Apoio na pesquisa intitulada "O Ensino de Arte dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Pública da zona urbana da cidade de Carangola".

Pesquisadora: Fabíola Garcia de Oliveira, professora de Arte da rede Estadual de Ensino de Carangola.

1 - Nome do docente, formação acadêmica e série em que atua:
2 - Você leciona a disciplina Arte semanalmente na sua rotina de sala de aula? Se sim, em qual dia e horário?
3 - Recebeu algum material pedagógico voltado para a orientação no planejamento das aulas de Arte? Se sim, qual material?
4 - Conhece as habilidades da BNCC que norteiam o ensino de arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Já recebeu alguma capacitação ou orientação sobre isso?
5 - Quais linguagens artísticas você utiliza em suas aulas de modo geral, independente da aula de arte? (Ao ministrar outras disciplinas que não seja Arte).
6 - Sua escola recebeu livros didáticos de arte destinados ao aluno? Foram entregues? Os alunos utilizam?
7 - Ao planejar as suas aulas de Arte, quais atividades você dá prioridade? (Desenho, pintura, dança, teatro, música, poesia, textos reflexivos, colagem, etc.)
8 - Além da rotina em sala de aula, existem projetos e ou eventos na escola que proporcionam atividades artísticas? Quais?
9 - Qual a percepção pessoal em relação ao seu trabalho enquanto professor de arte? Está satisfeito (a) com sua atuação?
10 - Em uma escala de baixo, médio e alto, como é o nível de interesse dos alunos pelas aulas de arte? Você consegue justificar sua resposta?
11 - Gostaria de receber apoio pedagógico, orientações e momentos de troca de experiências com outros docentes que também lecionam arte?

OBS: Suas respostas serão divulgadas em forma de texto corrido, utilizando a identificação "Professor A ou B", assim como será a identificação da escola em que atua.